

Universidade do Porto
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

**ENVELHECER NA ATIVIDADE DOS EDUCADORES DE INFÂNCIA:
OS PRÓS E CONTRA DE PERMANECER A TRABALHAR**

Sara Carolina Ascensão Alves dos Santos

Outubro 2015

Dissertação apresentada no Mestrado Integrado de Psicologia,
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da
Universidade do Porto, orientada pela Professora Doutora **Marta
Zulmira Carvalho dos Santos** (FPCEUP).

AVISOS LEGAIS

O conteúdo desta dissertação reflete as perspetivas, o trabalho e as interpretações do autor no momento da sua entrega. Esta dissertação pode conter incorreções, tanto conceptuais como metodológicas, que podem ter sido identificadas em momento posterior ao da sua entrega. Por conseguinte, qualquer utilização dos seus conteúdos deve ser exercida com cautela.

Ao entregar esta dissertação, o autor declara que a mesma é resultante do seu próprio trabalho, contém contributos originais e são reconhecidas todas as fontes utilizadas, encontrando-se tais fontes devidamente citadas no corpo do texto e identificadas na secção de referências. O autor declara, ainda, que não divulga na presente dissertação quaisquer conteúdos cuja reprodução esteja vedada por direitos de autor ou de propriedade industrial.

Resumo

O envelhecimento demográfico da população conduz a que a classe trabalhadora esteja cada vez mais envelhecida. Consequentemente, as problemáticas da relação envelhecimento e trabalho são consideradas cada vez mais importantes e atuais, bem como os debates relativos às políticas da idade de aposentação. Os educadores de infância em Portugal, são um dos grupos profissionais que se encontram no ativo cada vez mais envelhecidos e, com uma tendência de aumento da idade ao longo dos próximos anos, em consequência de deixarem de usufruir do regime especial de aposentação

O presente estudo, realizado segundo os princípios teóricos e metodológicos da psicologia do trabalho, teve, então, como objetivo dar visibilidade e compreender a realidade atual da atividade de trabalho dos educadores de infância, nomeadamente os efeitos do envelhecimento no seu trabalho. Para a prossecução deste objetivo, desenvolve-se uma pesquisa qualitativa, com recurso a consulta de legislação, observações livres, entrevistas individuais a quatro educadoras de infância com idade superior a 51 anos de um agrupamento de escolas do interior do país, e a uma sessão de restituição em grupo.

Os resultados demonstram que a extensão da idade da aposentação foi percecionada de forma negativa pelas educadoras de infância que não se imaginam no desempenhar da sua função no futuro, em plenas capacidades físicas e cognitivas. Diversas condições e exigências da atividade foram identificadas como dificultadores da mesma à medida que a idade avança (e.g. ruído, atividades psicomotoras, etc.), bem como dificuldades físicas (e.g. dores de costas, problemas vocais, etc.) causados ou agravados pela atividade. Para além disso, as participantes identificam fatores relacionados com o avançar da idade que facilitam (e.g. experiência) e, outros, que dificultam o desenvolver da sua atividade.

Conclui-se que as condições e exigências da atividade têm impacto no envelhecimento e saúde dos educadores de infância e que também o avançar da idade traz consigo, apesar dos seus efeitos positivos, constrangimentos percecionados como significativos pelas participantes, que imaginam dificuldades crescentes na sua atividade até ao alcance da idade de aposentação, os 66 anos.

Palavras-chave: Envelhecimento; Aposentação; Envelhecimento e Trabalho; Educadores de Infância; Educação Pré-escolar; Psicologia do Trabalho.

Abstract

The worldwide demographic ageing leads to an also ageing working class. Therefore, the topics of work and ageing are increasingly important and current issues of discussion, such as the discussion on the age of retirement. Kindergarten teachers in Portugal, are becoming increasingly older with a trend for the age to rise over the next few years. This is the consequence of the fact that teachers have ceased to benefit from the special retirement scheme.

The main objective of the present study, based on the work psychology's theoretical and methodological principles, was to give visibility and build understanding of current work activity of kindergarten teachers, particularly the impact of ageing on their work. A qualitative research was developed to achieve this goal, using of legislation, free observations, individual interviews with four kindergarten teachers more than 51 years old on a public group of schools in the countryside, and a restitution group session.

The main results showed that the extension of the retirement age was not well accepted by the kindergarten teachers. They cannot imagine themselves in an advanced age and have to continue working without major physical and cognitive losses. Many work conditions and requirements were identified as aspects that difficult the activity as the age goes by (e.g. noise, psychomotor activities; etc.), and also physical difficulties were found (e.g. back pains, vocal problems, etc.) that were caused or aggravated by the activity. Furthermore, kindergarten teachers identify ageing related factors that facilitate (e.g. experience) and, others that constrain their job duties.

It is possible to conclude that the conditions and requirements of this job have an impact on kindergarten teachers' ageing and health. Likewise, their ageing is perceived as bringing significant constraints and they expect increasing difficulties until reaching the retirement age, 66 years old.

Key-words: Ageing; Retirement; Ageing and Work; Kindergarten Teachers; Preschool Education; Work Psychology.

Résumé

Le vieillissement démographique mène à une main-d'œuvre vieillissante. Par conséquent, la problématique de la relation entre le vieillissement et le travail est de plus en plus importante et actuelle, de la même façon que les discussions à propos des lois sur l'âge de la retraite. Les professeurs de maternelle au Portugal appartiennent à un des plus vieilli groupe professionnel et qui tend à augmenter encore plus l'âge de travail les années prochaines. Ceci est la conséquence du fait que les enseignants ont cessé de bénéficier d'un régime spécial de retraite.

L'objectif de cet étude, effectué selon les principes théoriques et méthodologiques de la psychologie du travail, est de comprendre et donner visibilité à la réalité actuelle de l'activité du travail des enseignants du préscolaire, en particulier l'impact du vieillissement sur leur travail. Une recherche qualitative a été développée pour atteindre cet objectif, en utilisant la législation, des observations libres, des entretiens individuels avec quatre enseignantes de maternelle de plus de 51 ans, d'un groupe public d'écoles de l'intérieur du pays, et une séance de restitution de groupe.

Les résultats ont montré que l'élargissement de l'âge de la retraite n'a pas été bien accepté par les enseignantes. Elles ne s'imaginent pas à travailler avec un âge avancé, en bonnes conditions physiques et cognitives. Plusieurs conditions de travail et les exigences de cette activité ont été identifiés comme empêchement de la même, à mesure que le vieillissement augmente (e.g. le bruit, les activités psychomotrices; etc.), et aussi des difficultés physiques ont été trouvés (e.g. mal au dos, des problèmes avec les cordes vocales, etc.), qui ont été provoqués ou aggravés par l'activité du travail. En outre, les enseignantes de maternelle ont identifié des facteurs connexes du vieillissement qui facilitent (e.g. l'expérience) et d'autres, qui limitent leurs tâches.

Il est possible de conclure que les conditions et les exigences de ce métier ont un impact sur le vieillissement et la santé des enseignants de maternelle. De même façon, leur vieillissement est perçu comme apportant des contraintes importantes et elles envisagent un accroissement des difficultés jusqu'à l'âge de la retraite, 66 ans.

Mot-clés: Vieillissement; Retraite; Vieillissement et Travail; Enseignants de Maternelle; L'éducation Préscolaire; Psychologie du Travail.

Agradecimentos

Concluída mais uma etapa importante da minha formação, resta-me agradecer às pessoas que me apoiaram neste processo:

À minha orientadora, Professora Doutora Marta Santos, por me ter acompanhado demonstrando a disponibilidade, afabilidade e competência científica que necessitava.

Ao Diretor do Agrupamento de Escolas onde recolhi os dados deste estudo.

Às educadoras de infância que participaram neste estudo e que se mostraram sempre muito recetivas a quaisquer dúvidas.

À Patrícia, à Margarida e à Maria João pelo apoio, partilha de opiniões e receios nesta fase importante para todas.

Às amigas de faculdade que fiz durante a licenciatura na UBI, em especial à Joana e à Vanessa J., pela amizade e me acompanharem, mesmo que à distância, e nos apoiarmos mutuamente na escrita das dissertações.

Aos meus amigos, em especial à Cris, à Filipa, à Sandra, à Vanessa Freire, à Vanesa, à Carolina, ao Pedro e ao Tiago. Obrigado pelos conselhos, incentivos e especialmente pela amizade e carinho.

À minha irmã, que embora não esteja sempre presente, é um exemplo para mim.

Por fim, o meu maior Obrigado aos meus pais, pelo apoio que me deram nesta fase, ao longo de todo o meu percurso académico e acima de tudo em todos os momentos da minha vida. Sem vocês nada disto teria sido possível, obrigado por tudo.

Índice

Introdução	1
I – Enquadramento teórico	3
1.1 Atividade de trabalho	3
1.2 Atividade de trabalho e Envelhecimento	5
1.3 Atividade de trabalho dos Educadores de Infância e o Envelhecimento....	8
1.4 Aposentação dos Educadores de Infância	12
II – Metodologia	15
2.1 Enquadramento Metodológico	15
2.2 Objetivos do Estudo	16
2.3 Breve Caracterização do Agrupamento de Escolas.....	17
2.4 Participantes	18
2.5 Instrumentos de recolha de dados	18
2.6 Procedimento	19
2.6.1 Procedimento de Recolha de Dados	19
2.6.2 Procedimento de Análise de Dados	21
2.6.3 Sistema de Categorização.....	21
III – Resultados e Discussão	23
3.1 Percurso profissional e caracterização das situações de trabalho atuais	23
3.2 Resposta às questões de investigação (QI).....	28
3.3 Discussão dos objetivos específicos (OE)	39
IV – Reflexão final	45
Bibliografia	49
Legislação consultada	53
Anexos	54

Índice de quadros

Quadro 1 - Objetivos do estudo e questões de investigação.	16
Quadro 2 - Caracterização geral do Agrupamento de Escolas.....	17
Quadro 3 - Caracterização geral das EI participantes.	18
Quadro 4 - Registo de datas e duração das entrevistas.....	20
Quadro 5 - Esquema do sistema de categorização usado para a análise de conteúdo.....	22
Quadro 6 - Caracterização da situação de trabalho atual das participantes.	24

Índice de Figuras

Figura 1 - Evolução da distribuição dos EI segundo a faixa etária por ano letivo. 10	
Figura 2 - Cronologia dos JI ao longo dos anos de serviço: percurso profissional.	23

Abreviaturas e Siglas

AT – Atividade de Trabalho

DGEEC - Direção-Geral de Estatísticas de Educação e Ciência

DSEE - Direção de Serviços de Estatísticas da Educação

EI – Educadora de Infância

INE – Instituto Nacional de Estatística

JI – Jardim de Infância

OE – Objetivo específico

OG – Objetivo geral

SPLIU - Sindicato Nacional dos Professores Licenciados pelos Politécnicos e Universidades

Índice de Anexos

Anexo 1 - Guião de entrevista de itens sociodemográficos e de percurso profissional	55
Anexo 2 - Guião de entrevista semiestruturada base	57
Anexo 3 - Guião de restituição dos resultados	60
Anexo 4 - Pedido de colaboração ao agrupamento de escolas.....	68
Anexo 5 - Consentimento Informado das EI	71
Anexo 6 - Definições operacionais das subcategorias	74
Anexo 7 - Quadro do "dia típico" de trabalho proveniente das verbalizações das EI	77
Anexo 8 - Quadro de análise de conteúdo	80
Anexo 9 - Quadro de análise de frequências por categoria e subcategoria	102

Introdução

Atualmente a Europa apresenta um envelhecimento demográfico, sendo este um facto conhecido e uma tendência observada ao longo das últimas décadas. O constatado deve-se às baixas taxas de fertilidade/natalidade atuais, mas representa também uma maior longevidade conseguida devido a uma melhor qualidade de vida e, conseqüente, a um aumento da esperança média de vida (Eurostat, 2015). Isto, automaticamente, conduz a que também a força de trabalho esteja envelhecida, sendo que, segundo o Eurostat, em 2012, 48,8% da população com idade compreendida entre os 50 e os 69 anos estivesse empregada (Ibd.).

Os temas relacionados com o envelhecimento têm ganho importância para as várias disciplinas, como a medicina, antropologia, ergonomia, entre muitas outras. O facto de, em consequência do envelhecimento da população, também a classe trabalhadora estar envelhecida levanta questões no que se refere à capacidade de trabalho dos trabalhadores mais velhos, às políticas de aposentação e à própria saúde física e psicológica dos mesmos.

A docência é uma das classes de trabalhadores que se encontra mais envelhecida. Esta profissão que outrora tinha acesso a um regime especial de aposentação, deixou de poder usufruir do mesmo, aposentando-se agora aos 66 anos como pressupõe o regime geral dos trabalhadores da função pública. Os Educadores de infância fazem parte deste grupo profissional, e a par dos restantes têm vindo a envelhecer existindo, também como resultado da extensão da idade de aposentação, a tendência de um aumento do envelhecimento destes profissionais nos anos futuros. Os educadores com mais de 50 anos, no ano letivo 2013/2014, perfizeram um total de 37,7% do universo dos educadores nacionais.

A relação entre o avançar da idade e atividade de trabalho depende não apenas da idade cronológica e das transformações biológicas subjacentes, mas também de várias características sendo uma delas a profissão e as características das situações de trabalho experimentadas, conduzindo a que algumas provoquem um maior ou menor desgaste (Suzuki, 1988; Eurostat, 2011). Assim, existe hoje uma maior preocupação em melhorar as condições de trabalho de forma a torná-las mais viáveis e manter os trabalhadores mais velhos capacitados para trabalhar.

A penosidade da atividade de trabalho dos professores, em geral, é relativamente invisível pelo que há a necessidade de olhar de perto as situações de trabalho e procurar formas de tornar menos árduo o trabalho dos mais velhos (Cau-Bareille, 2014). Sendo a educação pré-escolar pautada por características específicas que distanciam os educadores de infância dos restantes docentes (e.g. relação distinta entre professor e aluno, idade das crianças, atividades desenvolvidas, etc.), a extensão da idade de aposentação e o envelhecimento terão necessariamente diferentes repercussões no trabalho e vice-versa.

O principal objetivo desta dissertação de mestrado é compreender o papel do avançar da idade e das condições de trabalho na atividade dos educadores de infância. Nomeadamente os fatores relacionados com o avançar da idade na profissão dos educadores de infância que facilitam e dificultam a atividade de trabalho, bem como as condições e exigências das situações de trabalho que dificultam a relação entre o avançar da idade e a atividade e o impacto do mesmo na saúde destes profissionais. Para além disso, também se pretende perceber como foram sentidas as alterações às políticas de aposentação e as perspetivas futuras em relação ao permanecer a trabalhar em idade mais avançada.

A presente dissertação encontra-se estruturada em quatro principais capítulos: *O Enquadramento Teórico; Metodologia; Apresentação de Resultados e Reflexão final*.

No capítulo *Enquadramento teórico*, são explorados conceitos teóricos, é feita uma breve apresentação de estudos e de legislação, procurando suportar e fundamentar o trabalho desenvolvido. O mesmo encontra-se dividido em quatro partes: atividade de trabalho, atividade de trabalho e envelhecimento, atividade de trabalho dos educadores de infância e aposentação dos educadores de infância.

Seguidamente, em *Metodologia*, são clarificados os objetivos principais da investigação, descritos os participantes, instrumentos de recolha e análise de dados e os procedimentos.

O terceiro capítulo, *Apresentação de Resultados*, contém a apresentação dos resultados obtidos e respetiva análise.

Por fim, em *Reflexão final*, são discutidos os resultados, apresentadas as principais conclusões, discutidas as limitações da investigação e implicações para futuros estudos.

I – Enquadramento teórico

“Entre a subjetividade e o sujeito, a diferença consiste na insistência sobre a singularidade não somente no plano de uma afetividade, mas, também, no de um vir-a-ser ou até mesmo de um destino, com implicações no registro da saúde e da patologia mental, fundamentalmente interrompidas neste corpo e no seu porvir na experiência do trabalhar.”

Dejours, 2004; p.29

1.1 Atividade de trabalho

O trabalho é visto pelas várias disciplinas sob ângulos muito diferentes. No entanto, e de modo geral, é consensual que a atividade de trabalho é um dos temas centrais na vida dos indivíduos. Uma grande porção do dia, e da vida, é ocupado pelo trabalho e no local de trabalho. Até mesmo fora do horário de trabalho, a atividade de trabalho continua a ser uma “preocupação” para os trabalhadores e a ter impacto na vida não-laboral.

A psicologia do trabalho, segundo a linha da ergonomia da atividade, encara o trabalho não apenas como a realização técnica ou mecanizada da tarefa proposta, mas antes como uma atividade de natureza humana não dissociável do ser que a executa (Trinquet, 2010).

Podemos definir a atividade de trabalho como a forma como os sujeitos se envolvem na realização da tarefa, em determinadas condições temporais e espaciais, mobilizando os meios à sua disposição (Borges, 2004). No realizar da atividade de trabalho, o sujeito depara-se com variabilidades que advêm de várias fontes: imprevistos de várias ordens, fadiga, efeitos da idade, experiência, disfuncionamentos, etc. (ibd.). Assim, o trabalho é pautado por esta variabilidade que acontece, quer por intermédio das diferenças nas características dos trabalhadores - variabilidades inter e intra individuais – ou seja, entre diferentes sujeitos e no mesmo sujeito em diferentes situações e ao longo da sua vida, e as características contextuais da organização do trabalho - variabilidade técnica – como equipamentos, procedimentos a seguir, etc. (Abrahão, 2000; Brito, 2011). Portanto, o trabalho não pode ser dissociado do próprio trabalhador nem da

situação de trabalho concreta devido a todas as singularidades e variabilidades inerentes à mesma, que tornam cada atividade de trabalho idiossincrática (Schwartz, 2011; Lima, 1999).

O sujeito na atividade de trabalho, não se mobiliza somente fisicamente, mobiliza-se por inteiro: corpo, inteligência, capacidade de refletir e interpretar as situações, história de vida, relações sociais, afetividade (Borges, 2004; Dejours, 2004) num diálogo permanente com ele mesmo, mas também com os outros e o meio (Trinquet, 2010). Assim, a atividade não se restringe apenas ao comportamento observável mas também inclui o invisível, segundo Falzon (2007) “A atividade inclui o observável e o inobservável: a atividade intelectual ou mental” (p. 9).

O referido anteriormente, remete-nos para os conceitos de trabalho prescrito e trabalho real, advindos da ergonomia da atividade, e aos conceitos de normas antecedentes e renormalizações importantes para a Ergologia. Existe sempre um desfasamento entre o trabalho prescrito e o trabalho real, ou seja uma diferença entre o que se tem de fazer e o que, e como, se faz na realidade (Montmollin, & Darses, 2011; Clot, 2006). Segundo Clot (2006), a atividade de trabalho real, o real da atividade, acaba por ser não apenas o que se faz objetivamente, atividade realizada, mas o que não se faz e o que se procura fazer.

As normas antecedentes, como o próprio nome indica, antecedem a própria ação. No entanto, o trabalhador sempre utiliza as sua capacidade e recursos, faz escolhas conscientes e inconscientes procurando enfrentar as infidelidades provenientes das diversas variabilidades, acabando por fazer de outra forma, criando renormalizações (Schwartz, 2007). Através das renormalizações, o sujeito configura o meio como seu próprio, torna-se sujeito das suas próprias normas (Durrive, & Schwartz, 2008). Segundo Canguilhem, só assim o indivíduo pode tentar viver, e trabalhar, em saúde (Brito, 2011). A atividade para além de um impulso de vida é também de saúde e liga várias esferas ditas polares: ‘corpo/espírito; individual/coletivo; fazer/valores; privado/profissional; imposto/desejado’ (Durrive, & Schwartz, 2008, p. 23).

O facto de o meio ser considerado infiel conduz a que a saúde corresponda à margem de tolerância a essas infidelidades e à capacidade dos sujeitos criarem as suas próprias normas (Brito, 2011).

Para realmente nos aproximar-mos da verdadeira essência da atividade de trabalho é necessário colocar em confronto os saberes constituídos, das disciplinas científicas, e os saberes investidos, os saberes adquiridos e investidos pelos protagonistas na sua atividade (Trinquet, 2010). Isto significa, que se deve assumir que os trabalhadores detêm conhecimentos sobre as situações de trabalho, conhecimentos estes que são relevantes e úteis para uma melhor compreensão e possível intervenção no trabalho.

1.2 Atividade de trabalho e Envelhecimento

O conceito de envelhecimento assumiu, ao longo da história, diferentes significados e conseqüentemente também o envelhecimento no trabalho foi objeto de interpretação segundo vários prismas.

As pessoas começam a envelhecer de forma mais visível a partir dos vinte/vinte cinco anos de idade, a idade aproximada em que organismo atinge o pico de “desenvolvimento” (Millanvoye, 1998).

A psicologia do trabalho encara o envelhecimento numa perspetiva desenvolvimentista do ser humano. Isto significa que é dado ênfase à dimensão temporal do envelhecimento enquanto processo que decorre ao longo de todo o ciclo de vida, sendo que as características desse envelhecimento são dependentes da vivência de cada indivíduo e portanto são de carácter subjetivo (Teiger, 1995, cit. in. Ramos, & Lacomblez, 2005). Assim, as idades mais avançadas são marcadas por transformações biológicas, psicológicas e sociais mas o envelhecimento também ocorre, ou vai ocorrendo, ao longo da vida ativa e essas transformações dependem da história de cada um (Laville, & Volkoff, 2007)

O envelhecimento “normativo” trás consigo mudanças a nível físico inegáveis, que se tornam proeminentes em idades mais avançadas, por fazerem parte da aparência dos indivíduos (e.g. transformações ao nível da pele e do cabelo) (Whitbourne, 2005). Para além disso, em idade avançada, tornam-se evidentes alterações e perdas ao nível da mobilidade (e.g. ossos, tendões, músculos, ligamentos, etc.) que tornam mais difíceis certos movimentos e tarefas, bem como fragilidades ao nível do sistema cardiovascular, imunitário, visuais, auditivas, etc. (Davezies, 1992; Whitbourne, 2005; Ilmarinen, 2001). A nível

cognitivo e de funções mentais, a idade aparece associada a um enfraquecimento da precisão e velocidade a nível perceptivo com uma diminuição da capacidade de processamento de informação. No entanto, algumas características mentais melhoram com a idade (e.g. melhor controlo verbal; capacidade de deliberação; etc.), e apesar de uma diminuição da precisão e velocidade, a experiência adquirida e a motivação para aprender podem compensar este decréscimo.

Assim, este envelhecimento é, geralmente, um processo contínuo e multidirecional, de decréscimo mas também crescimento, em interação com o ambiente e conduzindo a efeitos a vários níveis (Laville, & Volkoff, 2007). As pessoas envelhecem a ritmos e formas diferentes, sendo que o tipo de trabalho e o estilo de vida são importantes fatores nesta fórmula (Millanvoye, 1998). Consequentemente, a capacidade para o trabalho não pode ser determinada pela idade cronológica do sujeito devido às variabilidades inter individuais e também das condições de trabalho específicas e singulares que cada um vivenciou e vivencia (Suzuki, 1988).

As capacidades individuais vão-se modificando à medida que o tempo vai passando, mas o envelhecimento é sensível às condições de vida e de trabalho dos sujeitos conduzindo a que cada pessoa envelheça de forma diferente (Falzon & Mollo, 2009).

Tendo em conta que o conceito de envelhecimento ativo implica uma otimização da saúde, das oportunidades de participação e segurança procurando a melhoria da qualidade de vida das pessoas à medida que vão ficando mais velhas (WHO, 2002), presume-se que também é necessário criar condições de atividade profissional que acompanhem os condicionalismos decorrentes do processo de envelhecimento (Cabral, Ferreira, Silva, Jerónimo, & Marques, 2013).

O trabalho interfere nas transformações que vão ocorrendo com o avançar da idade e vice-versa (Laville, & Volkoff, 2007). A relação envelhecimento e trabalho pode ser tomada sob duas perspetivas: o envelhecimento “pelo” trabalho, que diz respeito à influência do trabalho e das suas condições sobre o processo de envelhecimento, nomeadamente sobre a diminuição de algumas capacidades e sobre as formas de elaboração da experiência, e o envelhecimento “em relação” ao trabalho, onde os efeitos da idade agem sobre a atividade de trabalho (Lancman, Sznelwar, & Jardim, 2006; Laville, & Volkoff, 2007).

Mas nem tudo são consequências negativas. Na verdade, também pode existir o efeito positivo do envelhecimento, um vez ao longo do tempo e prática pode-se ganhar experiência, dotando os trabalhadores de competências, novos saberes e saberes-fazer (Falzon, & Mollo, 2009; Falzon, 2007; Volkoff, 1989). A experiência conduz a uma familiaridade com as tarefas e permite que antecipe variações nas situações de trabalho (Davezies, 1992; Droit, Guérin, Lochouarn, & Motte, 1992). Este ganho de experiência tem sido considerado como um fator positivo associado à relação envelhecimento e atividade de trabalho (Ilmarinen, 2001). Os novos saberes adquiridos englobam as estratégias que os sujeitos encontram e mobilizam para se adaptar ou compensar fazendo uso de procedimentos que permitem a poupança do esforço (Falzon, & Mollo, 2009). A facilidade/dificuldade com que essas compensações são conseguidas, depende do ambiente de trabalho e dos recursos que o trabalhador dispõe (Volkoff, Molinié, & Jolivet, 2000; Volkoff, 1989). Para além disso, algumas pesquisas referem que o trabalho por si só ajuda a manter as capacidades cognitivas intactas (Ilmarinen, 2001).

Assim, considera-se que as transformações sofridas pelos indivíduos não têm apenas um efeito negativo, podendo dificultar a realização da atividade mas também podem produzir efeitos positivos, facilitando o exercício dos trabalhadores (Lancman, Sznelwar, & Jardim, 2006; Laville & Volkoff, 2007). A dimensão idade, no que se refere ao trabalho, integra diversas facetas da pessoa como o passado profissional, a sua história e experiência o que conduz a uma forma diferente de realizar a atividade, não necessariamente melhor nem pior (Paumés, 1995, cit. in. Ramos, & Lacomblez, 2005; Ramos, & Lacomblez, 2005).

Diversos estudos têm demonstrado os efeitos da idade sobre trabalho e, outros, os efeitos nocivos do trabalho sobre a manutenção da saúde dos trabalhadores ao longo do tempo.

Um estudo de Ilmarinen, Tuomi e Klockars (1997) que comparou durante 11 anos a capacidade de trabalho de trabalhadores à medida que iam envelhecendo, concluiu que, após os 51 anos, quanto maior a exigência física do trabalho maior o declínio na capacidade de trabalho mas, no entanto, também nos trabalhos mentalmente desafiantes, como o dos professores, ocorria depois dos 51 anos uma diminuição da capacidade para o trabalho. A capacidade para o trabalho é uma condição que resulta de uma combinação entre os recursos que o trabalhador

possui em função das exigências físicas, mentais e também sociais do trabalho (Martinez, Latorre, & Fischer, 2010). Um outro estudo, com 728 sujeitos finlandeses com 55 anos e uma média de 35 anos de carreira, demonstrou que grande parte dos problemas de saúde apresentados eram relacionados com problemas músculo-esqueléticos (Luoma, Virokannas, Rahkonen, Uusimäki, & Rajala, 1997).

As mudanças a nível da capacidade física relacionadas com o envelhecimento são difíceis de distinguir porque, como foi referido, as condições de trabalho podem acelerar ou diminuir estas mudanças (Ilmarinen, 2001). Do mesmo modo, é difícil atribuir a causa à atividade de trabalho, uma vez que as características individuais e o estilo de vida (e.g. alimentação, exercício físico, fumar, etc.) pode também interagir com o envelhecimento (ibd.).

1.3 Atividade de trabalho dos Educadores de Infância e o Envelhecimento

A Educação pré-escolar em Portugal faz parte do sistema educativo nacional abrangendo crianças dos três anos à idade de ingresso no ensino básico, usualmente os seis anos de idade. Embora pertencente ao sistema educativo é de carácter facultativo, embora exista atualmente uma universalidade para crianças a partir dos cinco anos de idade.¹ Os educadores de infância são docentes certificados para a educação pré-escolar que obtiveram um curso de formação inicial por um período de quatro anos numa Escola Superior de Educação ou habilitação equivalente.²

A profissão de educador de infância consiste, fundamentalmente, na: promoção de atividades que ocupem e incentivem o desenvolvimento da criança a nível físico, psíquico, social, etc.; orientação de atividades que incentivem o seu desenvolvimento psicomotor com exercícios ao nível de coordenação, atenção, imaginação, memória e raciocínio; promoção das capacidades relacionadas com as artes plásticas, musicais, corporais procurando despertar o seu interesse em

¹ Lei n.º 85/2009 de 27 de Agosto - Estabelece o regime da escolaridade obrigatória para as crianças e jovens que se encontram em idade escolar e consagra a universalidade da educação pré-escolar para as crianças a partir dos 5 anos de idade.

² Segundo a DGEEC e DSEE (2015). *Perfil do Docente 2013/2014*. Lisboa: DGEEC.

relação ao meio envolvente; estimulação do desenvolvimento socio-afetivo da criança (segurança, autoconfiança, autonomia e respeito) e acompanhamento do seu processo de evolução estabelecendo ponte com a família (INE, 2011).

Embora não diretamente relacionado com o tema do envelhecimento na profissão de educador de infância, diversos estudos mostram que os professores são realmente um grupo sujeito a consideráveis níveis de stress e desgaste. Segundo Cau-Bareille (2014), a profissão de Professor, seja qual for o nível de ensino, é uma atividade exigente, difícil e de carácter multifuncional envolvendo uma mobilização física, afetiva e subjetiva constante. Os professores são considerados um dos grupos profissionais mais afetados pelos stress ocupacional (Cooper, Sloan, & Williams, 1988, cit. in. Tsai, Fung, & Chow, 2006). Um estudo com 3447 professores refere que o número de alunos em sala ou ter alunos com necessidades específicas que impliquem apoio de outros profissionais foi associado a um maior nível de stress (Kourmoussi, Darviri, Varvogli, & Alexopoulos, 2015). No entanto, é importante referir que, o mesmo estudo, indica que existe uma associação negativa entre o stress e a idade, o que, segundo os mesmos, pode ser explicado pelo facto de, com o passar dos anos, os professores ganharem experiência o que pode contribuir para se dotarem de uma melhor capacidade de lidar com os stressores (ibd.).

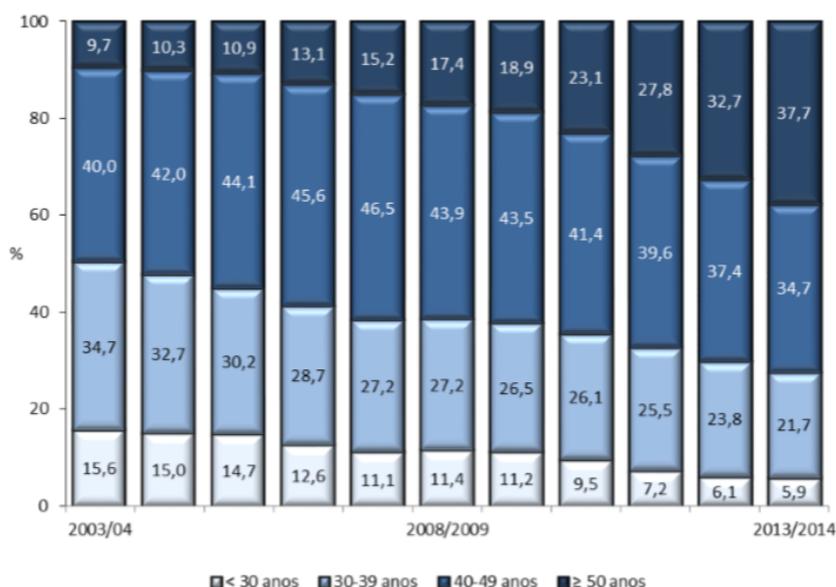
Existe uma necessidade de olhar de perto as situações de trabalho dos professores e procurar formas de tornar menos penoso o trabalho dos mais velhos, especialmente devido à invisibilidade da penosidade desta profissão (Cau-Bareille, 2014).

No que respeita aos educadores de infância em específico, um estudo de Tsigillis, Zachopoulou e Grammatikopoulos (2006) com Educadores de Infância gregos, mostra que estes profissionais apresentam exaustão emocional acima dos níveis normais. Um outro estudo, com 113 educadoras de infância de Hong Kong, vem realçar a ideia de como a atividade de trabalho dos educadores é indutora de stress, nomeadamente o ritmo da componente letiva ser muito rápido, turmas grandes, demasiados papéis para preencher, tarefas simultâneas, falta de tempo para concluir as tarefas, etc. (Tsai, Fung, & Chow, 2006). Alguns estudos relatam que um dos stressores em sala de atividades é o ruído elevado (Jardim, Barreto, & Assunção, 2007).

O aumento da idade de aposentação se associado às exigências de uma atividade de trabalho considerada desgastante, conduz a que se levantem preocupações no que diz respeito à manutenção da saúde dos professores à medida que estes envelhecem.

É um dado conhecido que os docentes, no geral, estão cada vez mais envelhecidos. Dado este que advém também do aumento da idade de aposentação para os 66 anos.

Figura 1 - Evolução da distribuição dos EI segundo a faixa etária por ano letivo.



Nota Fonte: DGEEC & DSEE (2015). *Perfil do Docente 2013/2014*. Lisboa: DGEEC.

Dados da Direção-Geral de Estatísticas de Educação e Ciência e Direção de Serviços de Estatísticas da Educação (DGEEC & DSEE, 2015) mostram que, à semelhança do resto da classe docente, os educadores de infância estão cada vez mais velhos e que esta tendência tem vindo a crescer na última década (cf. Figura 1). Deste modo, em 2003 apenas 9,7% tinha idade igual ou superior a 50 anos e no ano letivo de 2013/2014 este grupo etário perfeitamente 37,7% dos Educadores de Infância em Portugal. Também é de referir que, neste mesmo ano, 34,7% do universo pertencia ao grupo com idades entre os 40 e os 49 anos. Assim sendo, em 2013/2014, 72,4% dos Educadores tinham idade igual ou superior aos 40 anos.

É importante referir que, segundo a DGEEC e DSEE, é na região centro que se verifica uma maior percentagem de educadores de infância com idade igual ou superior a 50 anos (aproximadamente de 46,7%).

Alguns estudos demonstram de que forma o envelhecimento e o trabalho se relacionam em profissões de docência. No entanto, poucos estudos existem relativamente à idade e o processo de envelhecimento em educadores de infância, sendo que na sua maioria se focam na questão do género.

Um estudo de Cau-Bareille (2014), com Educadores de Infância, professores do ensino primário e secundário constatou que, independentemente do grau de ensino, a partir dos 50 anos os professores franceses tendem a sentir um aumento do custo de trabalho e a necessidade de mobilizar recursos para fazer frente às exigências da profissão. Nos educadores de infância, os problemas encontrados em fim de carreira, educadores com mais de 50 anos, foram sinteticamente os seguintes: sensação de esgotamento, sensação de falta de recursos, maior sensibilidade ao ruído, problemas de saúde geradores de dor durante o desempenhar função, tensão nervosa, dificuldade em atividades que impliquem o movimento do corpo, etc. No mesmo, que incluía, para além de educadores de infância, professores do ensino primário, professores do 2.º e 3.º ciclo e ensino secundário, foi indicado que seria na educação pré-escolar que se tornaria mais difícil a manutenção da atividade de trabalho no final de carreira.

A mesma autora (Cau-Bareille, 2011), estudou os fatores que influenciam as Educadoras de Infância francesas a aposentarem-se antecipadamente, contando com participantes entre os 50 e os 57 anos, enfatizou o real da atividade das mesmas e as condições de trabalho que conduzem a que desejem reformar-se precocemente. Os resultados apontam que o trabalho dos educadores de infância envolve mais do que é visível, 'invisible multifunctional activity' (p. 18) mostrando que requer a mobilização de capacidades de identificação das dificuldades nas crianças aos mais variados níveis e mesmo casos de abuso ou sofrimento de algum tipo. O estudo enfatiza que a atividade implica uma quantidade considerável de atividade e esforço físico (e.g. no manejo de equipamentos; atividades realizadas com as crianças; pegar nas crianças ao colo; etc.), requer que adotem posturas desadequadas e desconfortáveis devido ao facto de quase tudo (e.g. moveis, cadeiras) no jardim de infância ter um tamanho reduzido e pensado em função das crianças pequenas. As participantes apresentaram queixas em relação a dores de costas e pernas, problemas circulatórios, fadiga entre outras. Para além disso, o ruído em sala de atividades e a necessidade constante de estar atento ao grupo e, ao mesmo tempo, a cada criança individualmente são alguns dos fatores também

indicados como geradores de stress e cansaço nas educadoras de infância, aumentando à medida que estas envelhecem (Cau-Bareille, 2011).

É pertinente referir, que Cau-Bareille refere que as educadoras de infância retiram muito prazer do trabalho desenvolvido com as crianças pequenas mas que, ao mesmo tempo, é uma atividade que com o passar do tempo se torna difícil de gerir (2011; 2014).

1.4 Aposentação dos Educadores de Infância

Segundo Gaudart (2014) “a reforma é indissociável do trabalho” (p.104). Tradicionalmente é considerada o fim da carreira laboral de um indivíduo, mas deve ser vista como um processo que envolve fases (Whitbourne, 2005), e a pessoa como um todo, as suas crenças, expectativas, etc. Atualmente, a idade da reforma/aposentação está sujeita a determinantes relacionados com as condições económicas e demográficas tornando a idade de reforma/aposentação suscetível a acertos (Gaudart, 2014). Enquanto que, no passado, se assistia a uma redução da idade expeável de aposentação, nomeadamente na década de 80 e 90 onde se procurava que os trabalhadores mais velhos saíssem do mercado de trabalho, atualmente assistimos a um aumento da vida de trabalho como forma de aliviar os efeitos económicos e também sociais do envelhecimento global (Jolivet & Lee, 2004).

No passado, os professores do ensino básico e secundário e os educadores de infância em Portugal tinham acesso a condições especiais no que diz respeito à aposentação, comparando com os restantes funcionários da função pública. Assim, a partir de 1992, segundo o Decreto-Lei n.º139-A/90 de 28 de Abril (Estatuto da Carreira Docente dos Educadores e Professores do Ensino Básico e Secundário), os docentes do ensino pré-escolar em regime de monodocência teriam direito, caso o desejassem, à reforma voluntária, por inteiro e sem cortes de pensão, quando atingissem os 55 anos e pelos menos 30 anos de serviço. Este facto, disponibilizava a possibilidade de acesso a um regime especial de aposentação aos Educadores de Infância que não se aplicava à maioria das restantes carreiras da função pública,

que atingiam a aposentação aos 65 anos. Em 2005³, os Educadores e Professores foram integrados no regime geral de aposentações, sendo atualmente a idade de aposentação estipulada para os 66 anos com um mínimo de 15 anos de serviço.

A entrada em vigor da lei que extingue os regimes especiais de aposentação, acarretou a que apenas alguns educadores de infância e professores tenham podido solicitar a sua aposentação enquanto outros não, enfrentando penalizações caso optem pela reforma antecipada. Isto levou a que educadores de infância, por vezes até mais jovens ou com menos anos de serviço, tenham-se reformado segundo este regime especial e outros, mais velhos e com mais anos de serviço não o tenham feito e deparem-se atualmente com muitos anos de serviço pela frente.

Para além de considerarem a profissão em questão uma profissão de alto desgaste físico e psicológico, é patente o sentimento de desigualdade e injustiça nas declarações dos vários sindicatos de professores e educadores e nas petições levadas a cabo ao longo dos anos com o intuito de conseguir que, novamente, os professores e educadores tivesse direito a um regime especial de aposentação. A título de exemplo, apresenta-se um excerto da Petição de 28 de Maio de 2015 efetuada pelo Sindicato Nacional dos Professores Licenciados pelos Politécnicos e Universidades (SPLIU), onde é pedida a revisão pela Assembleia da República ao Estatuto dos Educadores e Professores do Ensino Básico e Secundário:

“A revogação deste regime especial de aposentação foi geradora de desigualdades e disparidades, de forma incongruente e injusta (...). (...) É uma profissão de enorme desgaste físico, psicológico e emocional – o que se acentua exponencialmente com o aumento da idade dos docentes – mas vital para o país; (...) deveria obedecer a condições específicas de aposentação para docentes de todos os níveis de ensino”

(SPLIU, 2015)

Concluído este enquadramento teórico, convém salientar alguns pontos fulcrais. Retomando as ideias previamente expostas, podemos afirmar que a

³ Decreto-Lei 179/2005, de 2 de Novembro. Diário da República n.º 210 – 1.ª Série-A. Ministério das Finanças e da Administração Pública.

atividade de trabalho não é jamais o desenvolver mecanizado das prescrições mas antes uma realidade subjetiva (Motard, 2013). É uma mobilização do corpo (físico, intelectual) que supõe uma constante procura do sujeito por tornar as normas suas (renormalizações) que permitam o desenvolver da atividade ao mesmo tempo que se procura a manutenção da saúde (Borges, 2004; Trinquet, 2010; Schwartz, 2007). Assim, antes de impormos a nossa lógica ao objeto que nos propormos a estudar, devemos procurar compreender as situações de trabalho concretas respeitando cada situação e cada trabalhador e deixando de lado ideias pré-estabelecidas (Lima, 2002).

Do mesmo modo que a atividade de trabalho é sempre subjetiva e idiossincrática, também o é o envelhecimento na atividade. O envelhecimento não é vivido, nem se manifesta, nos sujeitos da mesma forma, muito menos tem o mesmo impacto no desenvolver da atividade e vice-versa (Falzon, & Mollo, 2009; Suzuki, 1988).

Os educadores de infância, para além do envelhecimento que ocorreria independentemente da sua atividade profissional, enfrentam situações que podem conduzir a um envelhecimento “pelo” trabalho (impacto das condições de trabalho e as exigências da função sobre o envelhecimento e saúde) e/ou em “relação” ao trabalho (forma como o seu avançar da idade afeta o desenvolver da sua função) (Laville, & Volkoff, 2007).

Sabe-se já que o trabalho dos educadores de infância foi definido em alguns estudos como sendo desgastante e dotado de condições que o tornam mais difícil à medida que se avança na idade. Aliando o referido às políticas de aposentação em vigor, que pressupõem que os educadores de infância trabalhem até aos 66 anos, torna-se pertinente perceber em que condições trabalham estes profissionais, como percecionam as consequências para a sua saúde e como pensam “aguentar” até aos 66 anos a trabalhar.

É, sobre estas premissas, que se seguirá o trabalho prático desenvolvido e discutido nos capítulos que se seguem.

II – Metodologia

2.1 Enquadramento Metodológico

O presente estudo é de natureza qualitativa, numa abordagem exploratória, podendo-se inserir na categoria de pesquisas referentes ao estudo de caso.

Fazendo recurso a este tipo de metodologia, procura-se conhecer o papel do avançar da idade e das condições de trabalho na atividade dos educadores de infância, nomeadamente de que forma se imaginam a permanecer a trabalhar até à idade de aposentação.

A investigação qualitativa consiste numa abordagem interpretativa e naturalista do mundo (Mertens, 2010). Ou seja, a pesquisa qualitativa implica estudar as coisas no seu ambiente natural procurando interpretar os fenómenos à luz dos significados que as pessoas lhes atribuem (ibd.). Podemos considerar que a investigação quantitativa se debruça sobre realidades objetivas e relativamente controláveis enfatizando as mensurações e as relações causais entre variáveis (Dezin, & Lincoln, 2006). Pelo contrário, a investigação qualitativa inclina-se sobre qualidades e processos dificilmente quantificáveis, acreditando na existência de realidades diversificadas, construídas socialmente mas subjetivas, – experimentadas de diversas formas – e dando importância ao contexto subjacente (Denzin, & Lincoln, 2006; Mertens, 2010; Flick, Kardorff, & Steinke, 2008).

O estudo de caso consistiu numa estratégia ou opção metodológica em pesquisa qualitativa e pode ser descrito como a exploração de um caso único mas que não representa, necessariamente, que a unidade de análise seja apenas um sujeito, pode também ser um grupo de indivíduos, uma organização, uma escola, um evento, etc. (McDuffir, & Scruggs, 2008; cit. in. Mertens, 2010).

Esta opção foi feita por melhor responder à problemática em análise. Visto que poucos estudos se debruçaram sobre o tema do envelhecimento na profissão de educadores de infância torna o estudo exploratório, ao mesmo tempo que se debruça sobre um número reduzidos de sujeitos e dando primazia à sua interpretação e atribuições de significados no contexto específico.

2.2 Objetivos do Estudo

O objetivo geral (OG) deste estudo é explorar e compreender o papel do avançar da idade e das condições de trabalho na atividade de trabalho das educadoras de infância. Partindo deste objetivo geral foram definidos três objetivos específicos (OE) e questões de investigação (QI) relacionadas a cada um desses objetivos (cf. Quadro 1).

Quadro 1 - Objetivos do estudo e questões de investigação.

(OG) Compreender o papel do avançar da idade e das condições de trabalho na atividade dos EI.

1. (OE) Compreender como foram percebidas as alterações à política de aposentação dos EI.

a. Qual o impacto da extensão da idade de aposentação na vida pessoal, profissional e na saúde dos EI?

b. Quais as perspetivas futuras das EI face ao desempenhar da função em idade mais avançada?

2. (OE) Identificar e compreender de que forma o avançar da idade afeta a atividade de trabalho e de que forma as condições e exigências das tarefas dificultam a relação entre o avançar da idade e a atividade de trabalho dos EI.

a. Que fatores relacionados com o avançar da idade na atividade facilitam a atividade de trabalho dos EI?

b. Que fatores relacionados com o avançar da idade na atividade dificultam a atividade de trabalho dos EI?

c. Que fatores das condições de trabalho e das exigências das tarefas mais desfavorecem a relação entre o avançar da idade e a atividade de trabalho dos EI?

3. (OE) Explorar e identificar as condições de saúde percebidas pelos EI à medida que envelhecem.

a. Quais os problemas de saúde causados ou agravados pela atividade de trabalho apresentados pelos EI mais velhos.

2.3 Breve Caracterização do Agrupamento de Escolas⁴

O mega-agrupamento de escolas em questão situa-se no interior centro de Portugal. Fazem parte do mesmo 18 jardins de Infância e um total de 25 educadoras de infância, sendo que são 21 as pertencentes ao quadro de agrupamento. Em dois dos Jardins de Infância existem turmas homogêneas de crianças de determinada idade (e.g. educadora com grupo de crianças de 3 anos), sendo que no entanto todos os restantes jardins de infância têm turmas sejam heterógenas, ou seja, as turmas são compostas por crianças com idades entre os 3 e os 6 anos (idade habitual de saída do ensino pré-escolar) e com diferentes necessidades.

Quadro 2 - Caracterização geral do Agrupamento de Escolas.

Agrupamento de Escolas	Número de JI	Número de EI	Média das idades das EI	Moda das idades das EI	Média dos anos de serviço das EI
	18	25	51.15	52	26.96

A idade média das educadoras de infância do agrupamento varia entre os 41 e os 60 anos, sendo que a média é de aproximadamente 51 anos e a moda é de 52 anos. A idade média dos anos de serviço é, aproximadamente, 27 anos. Se compararmos a realidade deste agrupamento de escolas com o panorama nacional, constatamos que cerca de 77% das educadoras de infância deste agrupamento têm idade igual ou superior a 50 anos, o que representa uma percentagem significativamente maior do que a apontada pela DGEEC e DSEE a nível nacional relativamente ao ano letivo de 2013/2014.

⁴ Por uma questão de ética e confidencialidade dos dados do agrupamento e das participantes, optou-se pela manutenção do anonimato dos mesmos.

2.4 Participantes

Neste estudo participaram quatro Educadoras de Infância do Agrupamento de Escolas acima referido, pertencendo portanto à função pública, agrupamento esse selecionado por conveniência. A escolha das participantes em questão, prendeu-se com o facto de serem aquelas que possuem uma idade superior e que são pertencentes ao quadro de agrupamento de Escolas⁵, tendo idades compreendidas entre os 52 e os 61 anos. Como a maioria dos profissionais da área, são todas do sexo feminino. Os anos de serviço das participantes está compreendido entre os 26 e os 36 anos.

No que diz respeito à formação, uma delas possui apenas o Bacharelato, formação base para a profissão de educador de infância, sendo que as restantes obtiveram o grau de Licenciatura já ao longo da sua carreira no ensino pré-escolar.

O quadro que se segue representa uma síntese da informação que permite caracterizar os participantes deste estudo (cf. Quadro 3).

Quadro 3 - Caracterização geral das EI participantes.

Participante⁶	E1	E2	E3	E4
Sexo	Feminino	Feminino	Feminino	Feminino
Idade	52	53	58	60
Anos de serviço	31	26	32	36
Grau académico	Licenciatura	Licenciatura	Bacharelato	Licenciatura

2.5 Instrumentos de recolha de dados

Para a realização deste estudo, a técnica de recolha de dados foi a entrevista semiestruturada. A entrevista permite o acesso à fala dos atores sociais e,

⁵ Designação para os Educadores e Professores efetivos (Decreto-Lei n.º 35/2003)

⁶ A cada participante foi atribuída a letra “E” de “Educadora” e um número, por ordem crescente da mais nova para a mais velha, que permitisse a sua distinção sem por em causa a confidencialidade.

consequente, a compreensão de como os sujeitos encaram o mundo, ou seja, permite que se atinja um grau de compreensão da realidade dos sujeitos através do discurso (Fraser, & Gondim, 2004).

Foi criado um guião entrevista (cf. Anexo 1) com itens sociodemográficos bem como questões relacionadas com o percurso profissional e a situação de trabalho atual. Posteriormente, foi construído um segundo guião base que contemplava questões relacionadas com a extensão da idade de aposentação, as dificuldades e constrangimentos das situações de trabalho, condições de saúde, etc. (cf. Anexo 2). Para cada educadora foi elaborado um grupo de questões específicas adequado às situações de trabalho atuais (e.g. número de crianças em sala, idades das crianças, etc.) bem como dos diferentes percursos profissionais, anos de carreira, etc. Assim, estas questões remetem aos sujeitos individualmente uma vez que a psicologia do trabalho deve ter em conta as especificidades de cada sujeito como indivíduo singular e das situações de trabalho concretas.

Após, uma primeira análise de conteúdo, foi criado um guião de restituição/devolução dos resultados (cf. Anexo 3) com o objetivo de se explorar certos temas da informação recolhida e se validassem conclusões retiradas. O mesmo foi aplicado em grupo às educadoras de infância.

2.6 Procedimento

2.6.1 Procedimento de Recolha de Dados

Num primeiro momento, foi feito um pedido de colaboração ao Agrupamento de Escolas, dirigido ao Diretor do Agrupamento de Escolas (cf. Anexo 4). Este pedido especificava o âmbito da investigação e pedia, então, o consentimento do Diretor para a realização da mesma.

Após primeira autorização, consultou-se as educadoras de infância e o pedido de colaboração/consentimento informado (cf. Anexo 5) foi entregue presencialmente de forma a terem a possibilidade de colocar as questões que surgissem em relação aos objetivos, etapas e métodos do estudo. O pedido assegurava o anonimato das participantes, a confidencialidade e a restituição dos dados recolhidos.

Antes da elaboração dos guiões de entrevista, foram realizadas algumas observações livres em cada um dos Jardins de Infância. Estas observações tiveram como objetivo ter a oportunidade de acesso ao contexto da atividade real das participantes de forma a obter informação necessária para a adequação e pertinência das questões de entrevista. Estas observações tiveram a duração equivalente aos períodos de trabalho letivo, no período da manhã (três horas – das 9 horas às 12 horas) e no período da tarde (duas horas – das 14 horas às 16 horas) e realizaram-se no mês de Março de 2015, perfazendo um total de 20 horas de observação.

As entrevistas iniciais de curta duração foram realizadas no mesmo dia (18 de Maio de 2015) a todas as participantes nos respetivos Jardins de Infância, sendo que duas delas foram realizadas no período de almoço e as restantes duas à tarde, no final do horário de trabalho.

As segundas entrevistas, mais extensas, foram realizadas no mesmo dia (14 de Julho) às quatro educadoras de infância e tiveram lugar em cada um dos seus jardins de infância, em sala de atividades. No entanto, foi assegurado que a entrevista fosse realizada num espaço sem ruído e não fosse perturbada nem interrompida e, com esse propósito, foi efetuada fora do horário letivo. As entrevistas foram registadas em suporte áudio, com o devido consentimento, e posteriormente transcritas de forma integral em documento Word. O quadro seguinte diz respeito à sistematização das datas e duração das entrevistas:

Quadro 4 - Registo de datas e duração das entrevistas.

Participante	Data	Duração
E1	Entrevista Sociodemográfica: 18 de Maio, 2015	10m
	Entrevista: 14 de Julho, 2015	45m
E2	Entrevista Sociodemográfica: 18 de Maio, 2015	20m
	Entrevista: 14 de Julho, 2015	57m
E3	Entrevista Sociodemográfica: 18 de Maio, 2015	14m
	Entrevista: 14 de Julho, 2015	1h02m
E4	Entrevista Sociodemográfica: 18 de Maio, 2015	12m
	Entrevista: 14 de Julho, 2015	40m

2.6.2 Procedimento de Análise de Dados

Os dados foram tratados qualitativamente, sem recurso à análise automática do discurso. O procedimento de análise usado, a análise de conteúdo, permite fazer uma análise das comunicações/oralidades decorrentes da entrevista. A opção de escolha da análise de conteúdo como instrumento de análise parte do facto de permitir conhecer/inferir o conteúdo que se encontra por detrás das mensagens imitadas pelos sujeitos (Bardin, 2011). Por este intermédio, é possível ao investigador entender as representações que o sujeito elabora relativamente à realidade e de que forma interpreta o que o rodeia (Silva, Gobbi, & Simão, 2011).

Antes de iniciar a análise de conteúdo propriamente dita, as entrevistas foram lidas e relidas diversas vezes de forma a organizar intuitivamente as ideias principais. Esta fase, inserida na pré-análise (Bardin, 2011), foi denominada de leitura “flutuante” consistindo em ‘estabelecer contacto com os documentos a analisar e em conhecer o texto deixando-se invadir por impressões e orientações.’ (ibd.; pp. 122).

Em seguida foi feita a exploração do material, no caso concreto os dados obtidos nas entrevistas iniciais e as transcrições das entrevistas, criado o sistema de codificação e escolhidas as unidades de conteúdo (excertos de frases, frases ou parágrafos). Esta codificação permite a descrição e sistematização de características importantes e pertinentes do conteúdo (Bardin, 2011).

Tendo em vista a validação das categorias criadas e das conclusões daí resultantes, foi então dinamizada a restituição dos resultados em grupo (que teve a duração de três horas – das nove às 12 horas), o que acabou por conduzir a um debate e partilha de experiências e opiniões cuja informação foi pertinente para a análise de resultados.

2.6.3 Sistema de Categorização

A criação do sistema de categorias, inserida na fase de exploração do material do processo de análise de conteúdo, foi desenvolvida tendo por base as transcrições das entrevistas e tendo em vista a resposta aos objetivos e questões de investigação. Deste sistema de categorização fazem parte quatro categoria gerais, ou de primeira ordem, sendo que cada categoria engloba categorias de segunda ordem e terceira ordem, ou subcategorias e respetivos indicadores.

Assim, a categoria 1 “*Avançar da idade e AT*” abrange os fatores do avançar da idade identificados pelas educadoras de infância como facilitadores e dificultadores da atividade de trabalho. A categoria 2 “*Condições e exigências da AT*”, inclui as condições das situações de trabalho e/ou das exigências da função que tornam mais difícil a atividade de trabalho à medida que as educadoras de infância vão envelhecendo, podendo ter impacto na saúde das mesmas. “*Condições de saúde associadas à AT*”, categoria 3, inclui os problemas de saúde que foram percebidos como causados ou agravados pela atividade de trabalho. Por fim, a categoria 4 “*Aposentação*” inclui a perspectiva dos Educadores de Infância perante as alterações da lei de aposentação, o seu impacto e expectativas futuras em relação ao desempenho da função em idade mais avançada. Relativamente à definição operacional das categorias de segunda ordem, esta encontra-se em anexo (cf. Anexo 6). De forma a sistematizar o sistema de categorias criado, apresenta-se o seguinte quadro:

Quadro 5 - Esquema do sistema de categorização usado para a análise de conteúdo.

Categorias de 1ª ordem	Categorias de 2ª ordem	Categorias de 3ª ordem
1) Avançar da idade e AT	1.1) Fatores relacionados com o avançar da idade que afetam a AT	1.1.1) Facilitadores da AT
		1.1.2) Dificultadores da AT
2) Condições e exigências da AT	2.1) Alterações a nível burocrático	2.1.1) Aumento das burocracias
	2.2) Tipo de turmas	2.2.1) Tamanho
	2.3) Atividades psicomotoras	
	2.4) Qualidade dos recursos	2.4.1) Materiais
2.4.2) Humanos		
3) Condições de saúde associadas à AT	3.1) Problemas do foro físico	
	3.2) Problemas do foro emocional	
4) Aposentação	4.1) Extensão da idade de aposentação	4.1.1) Impacto/Opinião face à extensão
		4.1.2) Perspetivas da capacidade de trabalho em idade avançada

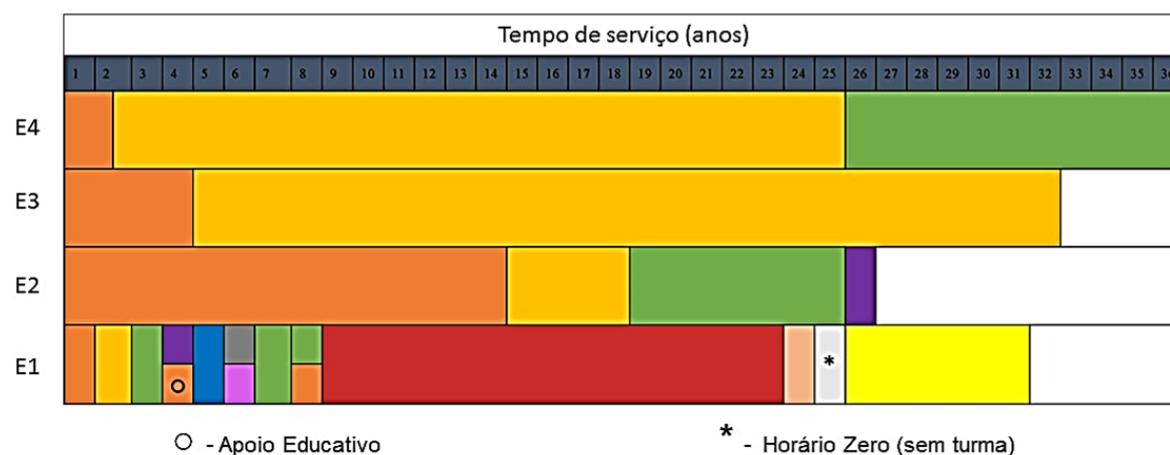
III – Resultados e Discussão

Neste capítulo, iniciar-se-á por uma breve descrição do percursos profissional das participantes e uma caracterização da situação de trabalho atual, bem como uma descrição do “dia típico de trabalho” que permite entender o tipo de tarefas desempenhadas na atividade das educadoras de infância. Seguidamente, procurar-se-á responder às questões de investigação propostas por forma a alcançar os objetivos gerais estipulados.

3.1 Percurso profissional e caracterização das situações de trabalho atuais

A figura seguinte ilustra o percurso profissional das educadoras de infância que participaram no estudo (cf. Figura 2).

Figura 2 - Cronologia dos JI ao longo dos anos de serviço: percurso profissional.



Com referido anteriormente, as educadoras de infância pertencem ao quadro de agrupamento o que significa que atualmente têm contrato de trabalho efetivo, ou seja, estão vinculadas ao agrupamento de escolas. Como se pode constatar através da Imagem 2 (onde cada cor corresponde a um jardim de infância), todas elas, excetuando E1 (a educadora mais jovem das quatro), tiveram um percurso relativamente estável com um máximo de quatro mudanças de jardim de infância permanecendo um tempo considerável em cada um. E3 apenas lecionou em dois

jardins de infância ao longo de 32 anos de serviço, sendo que se encontra há 28 anos no jardim de infância atual. E1 teve o percurso que implicou passar por vários jardins de infância sendo que após o jardim de infância onde lecionou por um período mais longo ter fechado (assinalado a vermelho, por um período de 15 anos) passou por uma situação de “horário-zero”⁷.

Embora pertencentes ao mesmo agrupamento de escolas, a situação de trabalho atual de cada uma das educadoras de infância pauta-se por algumas diferenças, das quais se destaca: o número de crianças em sala, a antiguidade no jardim de infância atual, etc. O acesso a estes dados foi conseguido a partir da informação recolhida na entrevista sociodemográfica e de percurso profissional e observações livres. O seguinte quadro descreve de forma sintética as grandes diferenças no que diz respeito à situação de trabalho atual de cada uma:

Quadro 6 – Caracterização da situação de trabalho atual das participantes.

Participante	E1	E2	E3	E4
Idade	52	53	58	60
Crianças em sala	20	15	8	23
Tipo de turma no ano letivo 2014/2015	Mista	3 anos	Mista	Mista
Antiguidade no JI atual	6 anos	1 ano	28 anos	12 anos
Número de salas e EI por JI	2	3	1	1
Distância do JI à residência	10 km	20 km	1.8 km	metros

E1, de 52 anos, tem um turma mista de 20 crianças. No mesmo jardim de infância existe mais uma sala de atividades e portanto mais uma educadora. Há seis anos que se mantém no mesmo jardim de infância a uma distância relativa curta da sua residência, cerca de 10 quilómetros.

⁷ Professores e Educadores que não têm componente letiva atribuída - Despacho normativo n.º7A/2013, de 10 de julho.

E2, de 53 anos, é a única que não é titular de uma turma mista, mas antes uma turma homogénea de 15 crianças de três anos. O seu jardim de infância difere dos restantes, uma vez que está integrado num centro escolar que, para além de mais duas salas de educação pré-escolar, fazem parte também turmas de 1.º ciclo. Das três é a que se encontra há menos tempo no jardim atual, um ano.

E3, de 58 anos, tem apenas oito crianças em sala de atividades. Como referido anteriormente, está há 28 anos no mesmo jardim de infância a uma distância de, apenas, cerca de um quilómetro e meio.

Por fim, E4, a educadora de idade superior (60 anos), tem a maior turma das quatro participantes, ou seja, 23 crianças das várias idades. Já se encontra há 12 anos no mesmo jardim de infância que fica a escassos metros da sua residência.

As grandes diferenças encontradas, prendem-se com o facto de E2 ser titular de uma turma homogénea de crianças de três anos no ano letivo em questão, enquanto que as restantes participantes são titulares de turmas mistas, ou seja, turmas heterogéneas com crianças dos 3 aos 5/6 anos. E3 tem apenas 8 crianças em sala de atividades, o que é uma realidade de trabalho bastante díspar em relação às outras educadoras de infância. O facto de dois dos jardins de infância possuírem mais salas de atividade (E1 – duas salas; E2 – 3 salas) significa que existem mais educadoras de infância (e no caso de E2, também professores do primeiro ciclo) no mesmo jardim de infância, o que conduz a que possam trocar ideias, partilhar experiências e desenvolver atividades conjuntas.

Uma maior distância da escola à residência foi encontrado como um fator correlacionado com um maior nível de stress nos professores (Kourmousi, Darviri, Varvogli, & Alexopoulos, 2015). No entanto, esse não se mostrou um fator importante para estas educadoras de infância, visto que todas consideram que residem próximo do seu jardim de infância atual.

Em Portugal, o trabalho de um Educador de Infância implica vinte e cinco horas de trabalho letivo por semana, trabalho em sala de atividades com as crianças, um mínimo de oito horas de trabalho individual e um máximo de duas horas de componente não letiva de estabelecimento.⁸

⁸ Segundo o Despacho Normativo n.º 19.117/2008, de 17 de Julho.

Relativamente ao dia de trabalho letivo, o mesmo inicia-se às nove horas da manhã e termina às 16 horas. O “dia típico”, de modo geral, é semelhante nas quatro educadoras de infância. Através do discurso e das observações foi possível identificar um conjunto de tarefas que são realizadas diariamente e de forma rotineira, tendo em mente que, obviamente, cada dia de trabalho se pauta por condições que não permitem que essa rotina seja exatamente igual. A descrição do “dia típico” revela-se contudo, interessante na medida em que permite ilustrar as tarefas levadas a cabo.

Em anexo (cf. Anexo 7) encontra-se um quadro onde constam as verbalizações de cada uma das participantes que permitiram o estabelecimento das atividades do “dia típico” de trabalho:

- Reunião com as crianças: indicado pelas quatro educadoras de infância como uma atividade de conversa sobre assuntos rotineiros, (e.g. como correu o fim de semana) onde são explorados assuntos do interesse das crianças ou escolhidos pela educadora.
- Preenchimento de quadros: preenchimento de quadros cujo intuito é integrar vários assuntos e áreas a desenvolver (e.g. dias da semana, presenças, condições meteorológicas, etc.). A verbalização de E2, explica:

“(…) há os quadros de entrada onde há todos os dias a atualização dos quadros de entrada. (...) O quadro tem a ver com, (hmm) das presenças, do tempo e o quadro do dia da semana... Permite assimilar vários conhecimentos, várias aprendizagens no quadro de duplas entradas... Tem formas geométricas, tem cores e ao mesmo tempo vão interiorizando os dias da semana, os estados do tempo e vão contabilizando quem está e quem não está...” E2

- Planeamento das atividades: planear e explicar às crianças quais e como vão decorrer as atividades.
- Atividades livres: atividades em que é dada liberdade à criança na escolha do que deseja fazer, sendo que no entanto pressupõe que exista ao mesmo tempo uma supervisão por parte da educadora, como referido por E1:

“Depois as crianças fazem atividades que eles próprios escolheram, com a minha orientação; mas são atividades livres escolhidas por eles.” E1

- Atividades orientadas: atividades propostas pela educadora com o intuito de desenvolver determinadas áreas:
-

“À tarde, temos outra atividade da que já foi planeada na parte da manhã. Se na manhã trabalhamos um pouco mais a parte da matemática ou da expressão oral... Da parte da tarde mais as expressões... (Hmm) pronto, tentamos diversificar” E2

“atividades propriamente ditas, geralmente orientadas, depende do dia, não é? Ou expressão plástica ou expressão motora ou... Pronto atividades orientadas digamos...” E4

- Hora do conto: atividade de leitura e exploração de uma história.

Resumindo o referido nesta secção, “Percurso profissional e caracterização das situações de trabalho atuais”, consegue-se compreender que, como as educadoras de infância são efetivas no agrupamento de escolas e como possuem já um considerável tempo de serviço, o seu percurso profissional tem sido relativamente estável (e.g. número de jardins de infância; distância em relação à morada de residência; etc.) quando comparado com professores e educadores com menos tempo de serviço e não pertencentes ao quadro.

A pertinência do enfoque na descrição das características diferenciadoras das situações de trabalho de cada uma das educadoras de infância (e.g. número de crianças, tipo de turma, etc.), prende-se com o facto de conduzirem a que a experiência subjetiva de cada educadora em relação à sua atividade de trabalho (e.g. como se sentem em relação à atividade; dificuldades que percecionam, etc.), seja obviamente, influenciada por estes e outros fatores.

Por outro lado, a descrição do “dia típico” permitiu estabelecer um conjunto de atividades/tarefas que, pela sua transversalidade às quatro educadoras, parecem ser tarefas específicas do grupo profissional.

3.2 Resposta às questões de investigação (QI)

Tendo como base as categorias criadas (cf. Quadro 5), a análise de conteúdo decorrente da aplicação das mesmas às verbalizações das educadoras de infância em entrevista (cf. Anexo 8), informação proveniente da sessão de restituição dos resultados da entrevista e observações livres, procurou-se alcançar a resposta a cada uma das questões de investigação propostas no capítulo anterior (cf. Quadro 1).

3.2.1 Resposta à questão de investigação 1.a. “Qual a opinião e o impacto da extensão da idade de aposentação na vida pessoal, profissional e na saúde dos EI?”

Quando questionadas a cerca da opinião relativamente à extensão da idade de aposentação para os 66 anos [subcategoria 4.1.1: “Impacto/opinião relativamente à extensão” (33)⁹] todas as participantes demonstraram que consideravam a idade de aposentação demasiado tardia (10 verbalizações)¹⁰.

E3 tem opiniões ambivalentes (3) face à extensão da idade de aposentação considerando que, por um lado, preferia reformar-se mais cedo que os 66 anos ao mesmo tempo que considera que a nível de saúde o melhor seria continuar a trabalhar. No entanto, a mesma refere que o ideal seria uma forma de ocorrer uma “libertação progressiva das responsabilidades”.

As restantes educadoras de infância consideram que os 55 anos, idade a partir da qual os educadores poderiam aceder ao regime especial de aposentação, era uma idade demasiado precoce para o cessar de funções sendo que, no entanto, consideram os 66 anos demasiado tardio para permanecer em contacto com as crianças, como é visível nesta verbalização: “*considero realmente que 55 é cedo demais para nos reformarmos, mas para estarmos com as crianças os 66 já é um bocadinho demais*” E1.

⁹ Neste capítulo, “Resultados e Discussão”, quando à frente de uma subcategoria aparecer, entre parêntesis, um número, o mesmo refere-se ao número total de unidades de conteúdo/verbalizações inseridas nessa subcategoria. (para consulta das frequências por categorias e subcategorias, consultar Anexo 9)

¹⁰ Quando entre parêntesis aparece um número à frente de um indicador, o mesmo refere-se ao número total de unidades de conteúdo/verbalizações relacionado com esse mesmo indicador.

Também está patente que esta extensão conduziu a que surgissem sentimentos de injustiça e desigualdade (6) dentro do grupo profissional. Embora apenas tenha sido referido por duas das participantes (E1, a educadora mais jovem, e E4), foi referido quatro vezes pela E4, educadora mais velha (60 anos), decorrente do fato de ter passado por um período em que pensava que iria reformar-se mais cedo e, como a mesma refere, “fiquei ali pendurada, vi quatro/cinco colegas a conseguir sair e eu fiquei retida, fui uma das poucas ‘velhas’ a ficar”. Para além disso, considera que já deu o seu contributo (1) e esse período conduziu a que a educadora não se conseguisse rever na profissão passando por um momento de frustração/angústia (2). A seguinte verbalização, é ilustrativa da injustiça e desigualdade sentida pela E4:

“espero que eles [o governo] resolvam esta questão porque é uma injustiça, quem saiu aos 52 pra quem já vai nos 60, não é? É uma injustiça tremenda! Não vou dizer que não seja, embora ache que aos 55 era cedo demais, mas aos 66 é uma afronta. Espero que alguém tenha o bom senso de ver que somos todos Portugueses, somos todos iguais e ver estas discrepâncias...”

E1, a educadora de infância mais jovem (52 anos), já fez um total de 31 anos de serviço o que pode explicar a percepção de injustiça sentida uma vez que, dentro de três anos, poderia reformar-se (segundo o extinto regime especial de aposentação) por atingir a idade requerida e ter já, atualmente, o mínimo de 30 anos de serviço. Assim, apesar de ser a mais nova, quando atingir a idade de aposentação será, das quatro, a que mais anos passou a trabalhar. Esta mesma opinião foi manifestada em restituição, onde partilhou que tem atualmente mais anos de serviço que algumas educadoras de infância já aposentadas.

As participantes também consideram que o trabalho a meio tempo, redução da componente letiva ou a atribuição de outras funções (7) poderia ser uma solução, nomeadamente a atribuição de funções de apoio. Uma das educadoras de infância, E1, justifica a opinião de considerar a idade de aposentação demasiado tardia com o facto de as crianças necessitarem de educadoras de infância mais jovens (4) que, conseqüentemente, fossem mais dinâmicas para o acompanhamento das mesmas nas diversas atividades e não *“de uma avó e eu neste momento já tenho idade quase... Já tenho mesmo idade para ser avó delas...”*.

Outro resultado interessante não referido em entrevista mas proveniente da sessão de restituição com as educadoras de infância, surgiu pela afirmação, por parte de uma delas, de que existia preconceito por parte de alguns pais o que tem conduzido a que não coloquem as crianças nos jardins de infância do sector público e optem pela colocação no privado, por preferirem que os filhos sejam acompanhados por educadoras de infância mais jovens. As restantes participantes concordaram que esse é um dos fatores que tem contribuído para que “percam” crianças para o setor privado.

Sumariamente, podemos afirmar que há um descontentamento expressamente visível de E1, E2 e E4 em relação à aposentação aos 66 anos. O mesmo é justificado pelas mesmas como sendo demasiado tardio e injusto.

3.2.2 Resposta à questão de investigação 1.b. “Quais as perspetivas futuras dos EI face ao desempenhar da função em idade mais avançada?”

Constatou-se que, de forma geral, as educadoras de infância partilham o receio de não conseguirem manter-se ao serviço, ou manterem-se debilitadas, até à idade de aposentação e que se imaginam com limitações físicas e/ou cognitivas quando a atingirem [subcategoria (4.1.2): *Perspetivas da capacidade de trabalho em idade avançada* (16)].

Todas as participantes consideram que é difícil imaginarem-se a completar os 66 anos e continuarem no desempenho da sua função ou manterem-se debilitadas, a trabalhar diariamente com as crianças (9).

“Pois, não me imagino! Não imagino! Não sei se vou ter capacidade para estar com as crianças...”

E1

“[manter-se no desempenho da sua função em idade mais avançada] eu já pensei nisso, não é? Não posso dizer que não, mas eu também penso assim, eu só faço aquilo que a minha saúde, vontade na altura puder fazer, não é? Se tiver que estar todo o dia sentada numa cadeira ou a ler uma história ou a conversar com eles, sou obrigada tenho que fazer, não é? É claro que isso já não será por muito prazer, será mesmo por obrigação.” E3

A declaração da E3, demonstra que esta situação pode não apenas ser nociva para as educadoras de infância que possivelmente terão de enfrentar dificuldades acrescidas no final de carreira, mas também para as crianças que

possivelmente terão uma educadora debilitada sem capacidades para desenvolver certo tipo de atividades.

No que se refere à perda de capacidades (7), as quatro educadoras de infância demonstram perspetivar perdas a nível cognitivo e/ou físico que afetem a sua capacidade para a atividade ou até mesmo que a impeçam. E1 perspetiva dificuldades tanto a nível físico como cognitivo, E3 imagina que terá maiores condicionantes a nível físico, enquanto E2 e E4 sentem que estarão mais limitadas a nível de capacidades cognitivas.

“Eu gostava de me imaginar lúcida e com toda a genica que tenho, mas... Acho que não chego lá assim...” E2

“não sei se aguentaria até aos 66 fisicamente a nível de capacidades porque é uma responsabilidade, fisicamente acho que até poderia se não houvesse, sei lá, uma ciática ou não sei quê... Agora ao nível de capacidades, não é? Cognitivas...” E4

E1 e E3 partilham da perspetiva de perdas significativas a nível físico, possivelmente devido ao facto de, como é referido na resposta às questões seguintes, já sentirem algumas limitações a esse nível atualmente.

De forma geral pode-se afirmar que as perspetivas futuras não são animadoras, pelo que podem vir a significar uma perda de motivação no desempenhar da atividade.

3.2.3 Resposta à questão de investigação 2.a. “Que fatores relacionados com o avançar da idade na atividade facilitam a atividade de trabalho dos EI?”

Durante a entrevista foi possível perceber que existem diversos fatores considerados como facilitadores da atividade de trabalho das educadoras de infância e que, a par do mesmo, conduzem a que a relação entre o avançar da idade e atividade se desenrole com maior naturalidade e menos constrangimentos [subcategoria (1.1.1.): “Facilitadores da AT” (36)]. Ao mesmo tempo, estes são fatores que ajudam a que as educadoras se sintam mais capazes em permanecerem ao serviço até à idade de aposentação.

Deste modo, foram encontrados cinco fatores relacionados com o aumentar da idade considerados facilitadores da atividade de trabalho: experiência adquirida; maior paciência/disponibilidade à medida que os anos passam; gosto pela

profissão/pela interação com as crianças; procura de formação e atualização por parte das EI e percepção de ter capacidades e muito para dar.

O avançar da idade foi relacionado a um aumento da experiência (6), o que facilita o desenrolar da atividade de trabalho, facto este identificado pelas quatro participantes. Nomeadamente, E1 considera que atualmente tornou-se mais fácil lidar com os pais das crianças porque a experiência, decorrente de muitos anos de trabalho, a dotou de uma maior confiança nesta área. E3 considera que atualmente consegue entender melhor as dificuldades das crianças, quando comparando com essa capacidade em início de carreira.

O avançar da idade também aparece relacionado com uma maior paciência e disponibilidade (8). Nomeadamente, este aumento de disponibilidade foi associado a, como já são mais velhas, não terem atualmente tantas preocupações familiares e relacionadas com filhos pequenos, situação esta referida por três das educadoras de infância e confirmado, em restituição, pela educadora que não o tinha referido. A seguinte verbalização ilustra:

“Sinto-me com muito mais paciência para eles, muito mais disponível, porque eu saía daqui com vinte cinco [crianças] e ainda tinha três em casa, não é? Agora como já são todos adultos e já não está nenhum em casa, a não ser nas férias e é quando é, (hum) a disponibilidade já é outra também”
E3

No geral consideram que quando eram mais jovens tinham mais responsabilidades relacionadas com a vida familiar o que provocava um maior stress. Atualmente sentem-se mais livres de responsabilidades exteriores ao jardim de infância.

Gostar da profissão e da interação com as crianças (7) também parece facilitar a atividade de trabalho à medida que os anos passam, porque apesar do descontentamento perante a extensão da idade de reforma e das dificuldades que se enfrentam na atividade, retirarem prazer da profissão ajuda a manterem-se motivadas. Este indicador foi identificado no discurso das quatro educadoras, em que as seguintes verbalizações são exemplo do mencionado:

“o que se mantém é a minha vontade de ser educadora e tornar as crianças felizes e transmitir esta... (hmm) o meu profissionalismo continua a ser o mesmo... E transmitir às crianças todo o meu afeto...” E2

“Se eu tivesse vindo para esta profissão obrigada ou sem gosto se calhar até agora já estaria a fazer um frete, não é?” E3

Para além disso, também na sessão de restituição, o prazer relacionado com a profissão foi uma questão bastante discutida tendo sido de novo expresso como um denominador comum e que torna a atividade mais fácil.

As participantes, por serem mais velhas, sentem necessidade de se atualizarem e por isso procuram formação/procura de atualização (10). Isto conduziu a que três das educadoras de infância ingressassem em estudos no ensino superior para a obtenção da licenciatura já a meio das suas carreiras. Embora uma delas não o tenha feito, as quatro referem que procuram formas de, autonomamente, se manterem atualizadas, como refere E4: “nós [educadoras de infância] procuramos fazer melhor, procuramos ser mais dinâmicas, mais atualizadas”. Apesar do referido, para a motivação para a prossecução dos estudos também pesou a possibilidade de progressão na carreira.

Ter a perceção de ter capacidade e muito para dar (5) contribuí para que o desempenhar da função seja facilitado. E1 e E4 referem que consideram que, apesar do avançar da idade, ainda se sentem capacitadas para fazer um bom trabalho. E1 indica que não considera que as suas capacidades de trabalho estejam diminuídas e E4 refere que os pais dos seus alunos lhe têm elevado a autoestima a nível profissional.

3.2.4 Resposta à questão de investigação 2.b. “Que fatores relacionados com o avançar da idade na atividade dificultam a atividade de trabalho dos EI?”

Também foram encontrados fatores que dificultavam a atividade de trabalho atual relacionados com o avançar da idade na atividade dos educadores de infância [subcategoria (1.1.2.): “Dificultadores da AT” (12)].

Três das quatro participantes referiram que houve falhas/lacunas na formação inicial em educação de infância (8) que atualmente lhes causam constrangimentos, nomeadamente, certas áreas não são tão desenvolvidas com as crianças devido a esse facto. A Educadora mais velha, E4, refere que na altura em que se formou “(hmm) as pessoas sabiam muito pouco de educação pré-escolar, sabia-se muito pouco...”. Embora não possamos afirmar que estes

constrangimentos são decorrentes diretamente do avançar da idade, podemos associa-los à formação ter sido já obtida há alguns anos atrás, sendo que a educação no geral sofreu mudanças e houve avanços significativos ao nível dos métodos e das práticas educacionais e do que se conhece relativamente ao o desenvolvimento das crianças.

Também as ‘novas’ tecnologias (4) são indicadas como um obstáculo. Foram referidas por E3 e E4, curiosamente mas não surpreendentemente, as educadoras de infância com idade superior, como algo que surgiu recentemente e ao qual ainda não se adaptaram completamente. O mencionado, é visível nas seguintes verbalizações:

“Eu não sou do tempo dos computadores e isso para mim continua a ser (hum) um ‘bicho de sete cabeças’ mas pronto.” E3

“Ao nível das ferramentas digitais que eu sou da era em que não tinha, não usava, e de repente vi-me confrontada com o usar e desenvolver e ainda hoje tenho alguns constrangimentos” E4

Em restituição foram novamente expressas estas dificuldades e reafirmadas a sensação de que, apesar da procura por atualização, se sentem desatualizadas em relação aos métodos e formas mais interativas de ensino o que poderá vir a ficar mais saliente à medida que os anos vão passando. Nomeadamente, foi discutido o facto de as crianças estarem cada vez mais à vontade e recetivas às aprendizagens através das tecnologias o que faz com que considerem importante cativar a curiosidade das crianças em relação ao mundo por essa via, sendo que no entanto, especialmente E3 e E4, não se consideram dotadas de capacidades a esse nível.

3.2.5 Resposta à questão de investigação 2.c. “Que fatores das condições de trabalho e das exigências das tarefas mais desfavorecem a relação entre o avançar da idade e a atividade dos EI?”

As exigências das tarefas requeridas aliadas às condições de trabalho podem constranger a atividade de trabalho, sendo que alguns desses constrangimentos interferem mais à medida que a idade das educadoras de infância avança [subcategoria (2.1:) “Alterações a nível burocrático” (5); subcategoria (2.2:) “Constituição das turmas” (7); subcategoria (2.3:) “Atividades psicomotoras” (5); subcategoria (2.4:) “Qualidade dos recursos” (12)].

As educadoras de infância relatam que atualmente é exigido mais delas a nível burocrático. Três das participantes referem que há atualmente um aumento das burocracias (5) na educação pré-escolar que causa constrangimentos na atividade de trabalho e na saúde das mesmas. Este aumento a nível burocrático é indutor de stress nas educadoras, chegando mesmo a ser referido por E2 como um problema de saúde que a afeta:

“É assim, o meu problema de saúde, e que agora estou a ver, é uma questão de burocracias que estão a surgir, é uma questão de políticas educacionais e isto é que me está a tornar (e realmente acho que não é só a mim) mais stressada.”

E1 explica que atualmente os jardins de infância são ligados às autarquias, o que leva a que haja menos autonomia das mesmas em relação à gestão do jardim de infância, o que leva a processos morosos, por exemplo, na simples aquisição de material de escrita. Para além disso, também são muito maiores as formalidades e exigências como refere E3:

“atualmente exigem tanto de nós a nível de papelada, de porcarias que também não é bom”

Os professores no geral apresentam queixas relacionadas com o ruído e a tolerância ao mesmo parece diminuir com o avançar da idade (Cau-Bareille, 2014). O ruído representa uma fonte de cansaço e stress à medida que se envelhece na profissão (Cau-Bareille, 2011). O tamanho das turmas, nomeadamente as turmas grandes, foi associado pelas participantes ao aumento do ruído e stress (7) sendo indicado por três das participantes. Esta diminuição da tolerância ao ruído com o avanço da idade é visível na seguinte verbalização:

“É assim, neste momento, o barulho de 20 crianças numa sala interfere um bocadinho comigo, já me faz um bocadinho de confusão... Antes nem tanto, mas atualmente sim...” E1

E3 foi a única que não o referiu, o que pode ser explicado por ter, desde há alguns anos, turmas muito pequenas e atualmente ter uma turma de apenas oito crianças. A idade das crianças não foi indicada como importante nem na questão do ruído nem em termos de exigências que requerem. A mesma ideia foi novamente desenvolvida na sessão de restituição e as turmas mistas ou homogéneas não

parecem influenciar a forma como as educadoras se sentem no desempenho da sua função nem a percepção de maiores ou menores exigências.

Uma das tarefas que a profissão requer, consiste no desenvolvimento de atividades orientadas, fazendo elas parte da “rotina” diária no jardim de infância (como referido no ponto anterior em “dia típico” de trabalho). Dessas atividades constam as de desenvolvimento psicomotor: orientação de atividades que incentivem o desenvolvimento psicomotor da criança (INE, 2011). A realização de atividades para o desenvolvimento da psicomotricidade implicam a concretização de exercícios de dança, sessões de ginástica o que acaba por requerer que as educadoras de infância utilizem os seus corpos na atividade (Cau-Bareille, 2014). Assim, existem dificuldade/constrangimentos em atividades psicomotoras (5) referidas por E1 e E3 porque, como se constatará na resposta à questão de investigação seguinte, são as duas educadoras que apresentam maiores problemas a nível físico. Antigamente, as educadoras de infância participavam ativamente nestes exercícios, demonstrando que atualmente o mesmo não acontece. Em relação à realização destas atividades, E3 refere:

“não deixei de fazer, quer dizer não faço eu fazem eles, não é? Só que não é bem a mesma coisa, porque eu acho que quando a gente quer mostrar como se faz tem que fazer... Nem sempre, nem sempre, mas pra eles verem, como são crianças pequeninas convém sempre ver antes mas pronto, também se chega lá de outras maneiras... Mas não é tão eficiente.”

Relativamente à qualidade dos recursos, embora não influencie diretamente a atividade em função do aumento da idade, a qualidade dos recursos materiais, nomeadamente o tamanho reduzido ou a fraca qualidade do espaço de trabalho (5) influencia negativamente a atividade de trabalho e a forma como as educadoras de infância se sentem na profissão.

A sensação de falta de recursos humanos para responder às necessidades das crianças (6) e falta de formação de pessoal não docente (1) também foram indicadas pelas participantes. E2 revela sentir-se incapacitada para ajudar algumas crianças por falta de recursos humanos, por necessidade de psicólogos e terapeutas da fala para ajudar as crianças. A mesma preocupação é manifestada por E1 que refere só existir uma psicóloga para todo o mega-agrupamento de escolas e, por exemplo, a nível de terapia da fala o mesmo serviço ser pago pelos

pais e corresponder a apenas meia hora semanal de apoio o que, no seu entender, não se revela frutuoso. No momento da devolução às educadoras de infância, foi notório que todas se sentem impotentes e frustradas, perante necessidades das crianças para as quais não têm os conhecimentos necessários nem formas de fornecer à criança o apoio necessário. E2 refere:

“Por exemplo, uma criança que eu vejo que ela necessita de terapia da fala e que eu sei que ela tem aquele problema e eu sei que eu não tenho capacidade para trabalhar aquela área... E sei que podia resolver esse problema e não ter em que me apoiar (hmm)...” E2

Embora a falta de formação do pessoal não docente tenha sido mencionado apenas por E1 parece relevante na medida em que a mesma considera que, quando as crianças ficam na componente de apoio a família das 16 horas às 19 horas o trabalho em sala de atividades é perdido por não terem alguém com formação que os acompanhe e lhes proporcione um ambiente que permita a aquisição de regras trabalhadas em sala de atividades.

3.2.6 Resposta à questão de investigação 3.a. “Quais os problemas de saúde causados ou agravados pela atividade de trabalho percebidos pelos EI mais velhos?”

Obviamente que ao avançar da idade estão associadas dificuldades aos mais variados níveis. No entanto, existem problemas e dificuldades que são causados ou agravados pela atividade de trabalho [subcategoria (3.1.): “*Problemas do foro físico*” (18); subcategoria (3.2.): “*Problemas do foro emocional*” (1)].

Foram identificados mais problemas do foro físico do que emocional. A nível físico foram identificados: problemas/dificuldades músculo-esqueléticas (12), problemas vocais (2) e tensão arterial alta (4).

Os problemas/dificuldades músculo-esqueléticas foram indicados pelas quatro participantes. As educadoras de infância recordam que no início da atividade não sentiam dificuldades a este nível, sendo que atualmente existem diversas situações da atividade de trabalho que lhes causam dificuldades ou dores.

Das quatro, todas indicam que atualmente lhes custa a sentar no chão, ou que não o fazem de todo, por exemplo a contar histórias, como faziam antigamente. Uma refere ter hérnias discais que lhe provocam dores de costas que são agravadas

pelas situações de trabalhos (E1). Outra refere um problema nos membros inferiores que lhe causa dificuldades atualmente na atividade de trabalho, nomeadamente condicionando o realizar de atividades físicas com as crianças (E3). O referido em relação a E3, foi também visível em observação, uma vez que a educadora passou grande parte do horário letivo sentada e afirmando que tinha de estar mais vezes sentada do que o que seria idela devido ao seu problema, pedindo que as crianças se deslocassem até ela (e.g. para mostrar trabalhos) de forma a evitar fazer deslocamentos.

Como referido, nenhuma destas situações foi causada pela atividade de trabalho ou, pelo menos, não existe ligação direta que o permita afirmar. No entanto, estes problemas foram agravados pela mesma e interferem na realização de algumas tarefas. Para além disso, as duas educadoras, indicam que as cadeiras, por terem um tamanho reduzido adequado às crianças pequenas, lhes causam dores e desconforto:

“Mesmo nas cadeiras, as cadeiras são muito baixas e isso faz com que seja desconfortável, já não estou à vontade... Não estou à vontade como estava inicialmente.” E1

“(...) o facto de estar sentada muito tempo numa cadeira dessas [apontando para as cadeiras de tamanho reduzido das crianças] causa-me problemas físicos, pronto.” E3

E1 e E2 têm dificuldades em correr e E1 refere ainda que tem dificuldade em pegar nas crianças ao colo e que algumas não consegue mesmo.

“Pegar nelas ao colo? Não é? Já me custa mais, já tenho de fazer mais esforço para pegar nelas ao colo... Algumas já nem consigo mesmo, não é?” E1

O tamanho reduzido dos móveis conduz à adoção de posturas desconfortáveis e a necessidade de, por vezes, pegar nas crianças ao colo está relacionado com a apresentação de dores e dificuldades contribuindo para agravar problemas de saúde ou dificuldades naturalmente associadas ao avançar da idade.

Para além dos problemas referidos, E1 identifica problemas a nível vocal, nódulos na garganta, que conduzem a que fique afónica com frequência. A mesma atribuí a causa aos muitos anos de serviço e indica que acontece mais frequentemente no início de cada ano letivo e após os fins-de-semana.

E4 teve um período em que teve problemas de tensão arterial que, a mesma, relaciona com uma mudança de jardim de infância e ainda ao facto de, na altura, estar prestes a reformar-se mas não o ter conseguido fazer sem penalizações pesadas.

Para além dos problemas do foro físico referidos em entrevista, na sessão de restituição foram mencionados problemas auditivos por duas das educadoras de infância, associando-os à exposição prolongada a ruído provocado pelas crianças em sala de atividade ao longo dos muitos anos de serviço.

A nível emocional, E2 refere que atravessa atualmente uma fase de depressão, estando mesmo a ser medicada e, embora não tenha referido que o trabalho causou o problema, perspectiva dificuldades a nível profissional no futuro devido a este problema.

Embora não tenha sido incluído nesta resposta, foi várias vezes feita referencia ao stress, ao longo das entrevistas e na restituição, provocado por diversas situações e/ou condições da situação de trabalho.

3.3 Discussão dos objetivos específicos (OE)

Da resposta às questões de investigação supracitadas considera-se que foram cumpridos os objetivos específicos do estudo. Em seguida apresenta-se, de forma sintática, a justificação do cumprimento de cada um deles:

OE 1. “Compreender como foram percebidas as alterações à política de aposentação dos EI.”

As respostas encontradas referentes às questões de investigação associadas a este objetivos específico indicam que às alterações à política de aposentação dos Educadores de Infância foi atribuída uma conotação negativa, considerando que a idade de aposentação aos 66 anos para uma educadora de infância é demasiado tardia.

Para além disso, levantaram-se questões no que se refere à igualdade (questões essas já patentes nas palavras da petição da SPLIU, referidas no capítulo I), causando até problemas psicossomáticos numa das educadoras de infância que viu as suas expetativas quebradas e, de repente, se deparou com cerca de 11 anos de serviço a mais pela frente. As educadoras perspetivam

dificuldades em manter-se ao serviço em idade mais avançada associado à perspectiva de declínios a nível cognitivo e/ou físico que podem comprometer a saúde e, conseqüentemente, afetar a qualidade da educação. Alguns deles, aliás, já se começam a tornar evidentes (e.g. dores de costas e pernas que interferem na atividade) como se referiu na resposta às questões de investigação referentes aos objetivos específicos seguintes.

Da resposta a este objetivo, também se levantam questões relacionadas com possíveis soluções que possam vir a tornar o trabalho das educadoras de infância mais viável à medida que a idade avança. Nomeadamente, as mesmas levantam pistas sobre formas de tornar a manutenção ao serviço menos penosa como o trabalho a meio tempo e atribuição de funções de apoio. Em restituição procurou-se explorar ainda mais esta questão, sendo que na opinião de todas as educadoras de infância a redução do tamanho das turmas, a possibilidade de escolha de idades das crianças não foram consideradas “soluções” pertinentes para procurar tornar a atividade de trabalho menos pesada à medida que se aproximam da aposentação. Foi opinião unânime que a solução passaria pela redução da componente letiva e trabalho a tempo parcial, uma vez que também consideram que isso conduziria a que houvesse uma transição menos brusca quando se reformassem.

Podemos concluir que a extinção do regime especial de aposentação e o aumento da idade de aposentação do regime geral, trazem preocupações e terão, possivelmente, um impacto negativo na saúde das educadoras de infância, uma maior dificuldade no desempenho das tarefas e, conseqüentemente, na educação pré-escolar das crianças. O mesmo, pode de algum modo, ser um fator desmotivante e vir a por em causa o comprometimento para com a função.

OE 2. “Identificar e compreender de que forma o avançar da idade afeta a atividade de trabalho e de que forma as condições e exigências das tarefas dificultam a relação entre o avançar da idade e a atividade de trabalho dos EI.”

Percebeu-se que existem fatores relacionados com o avançar da idade que tornam a atividade de trabalho mais fácil. Por outro lado, existem os que dificultam essa relação.

Dos facilitadores salientam-se a experiência advinda de longos anos de serviço que facilita o lidar com algumas tarefas da atividade de trabalho; o gosto pela profissão e pela interação com as crianças que conduz a que, apesar das dificuldades inerentes ao avançar da idade e dos constrangimentos da atividade, continuem motivadas; uma maior paciência e disponibilidade decorrente de mudanças a nível familiar, nomeadamente a independência dos filhos; a percepção de ainda possuírem capacidades suficientes para responder às exigências e a procura ativa de atualização também contribui para que continuem a sentir-se capazes apesar do avançar da idade. Recuperando os achados de Cau-Bareille (2011), a par com o achado nesta investigação, foi constatado que as educadoras de infância retiravam muito prazer da interação com as crianças pequenas, facto esse a favor da manutenção ao serviço e da não opção pela reforma antecipada.

A forma como os sujeitos se relacionam com o trabalho ao longo da vida vai-se alterando, também fruto dos diferentes papéis que vão assumindo, nomeadamente os papéis a nível familiar (e.g. tornarem-se pais) afetam a forma como encaram e se sentem em relação ao trabalho (Ramos, 2006). O resultado encontrado de que teriam uma maior disponibilidade por atualmente que não terem filhos pequenos, foi também referido no estudo de Cau-Bareille (2011), em que as educadoras de infância francesas referiam encontrar maiores obstáculos familiares quando eram mais jovens e tinham filhos pequenos do que no final de carreira, ou seja, o papel de mãe deixou de ter tanta interferência com o trabalho ou o papel de educadora de infância deixou de ter tanto impacto na vida familiar.

No que respeita a fatores do avançar da idade que dificultam a atividade, o facto de serem mais velhas conduz a que não se sintam tão à vontade com as novas tecnologias e com que sintam que a formação inicial esteja hoje desatualizada.

As condições de trabalho afetam a atividade das educadoras de infância, e embora algumas delas não tenham efeitos imediatos e mensuráveis na relação entre o avançar da idade e atividade de trabalho, podemos dizer que a longo prazo poderão afetar o envelhecimento dito normativo e portanto ser um impeditivo do normal decorrer da atividade à medida que as mesmas envelhecem. Exemplo disto é o aumento das burocracias que, sem relação direta com o avançar da idade, é referido como indutor de stress afetando deste modo o bem-estar e a saúde das educadoras de infância. A par disto, encontram-se a qualidade ou inexistência dos

recursos materiais e de recursos humanos suficientes (Cau-Bareille, 2014) que conduzem a que as educadoras se sintam frustradas por não poderem oferecer às crianças as condições necessárias para o desenvolvimento harmonioso das mesmas. O facto de ter alunos com necessidade de apoio de outros profissionais foi considerado, num estudo com professores referido anteriormente, uma fonte de stress (Kourmousi, Darviri, Varvogli, & Alexopoulos, 2015).

Exigências da tarefa como o desenvolvimento de atividades de cariz psicomotor, o ter de lidar diariamente com grupos de crianças de tamanho considerável que produzem ruído constante, torna a atividade mais difícil à medida que os anos vão passando. Embora não referido nas questões de investigação relacionadas com este objetivo geral, convém salientar que o tamanho dos móveis é uma condição de trabalho que constrange a atividade e afeta a saúde das educadoras de infância (razão pela qual foi explorado na questão de investigação referente ao objetivo seguinte).

É de referir que, na sessão de restituição, se iniciou pela apresentação e discussão dos fatores do avançar da idade que facilitam a atividade e, apesar de estes terem sido fatores referidos pelas próprias em entrevista, duas das educadoras de infância manifestaram-se reafirmando que a profissão era desgastante à medida que os anos passavam. Fizeram questão de salientar que apesar dos “prós” identificados, o peso dos “contra” bem como dos constrangimentos associados às condições e exigência da atividade eram bastante superiores e, à medida que os anos iam passando, esse peso apenas aumentava.

OE 3. “Explorar e identificar as condições de saúde percebidas pelos EI à medida que envelhecem.”

Verificou-se que todas as participantes consideram que a sua saúde é de alguma forma afetada pela atividade de trabalho. Percebeu-se que os problemas a nível físico são os que mais afetam as participantes, sendo que os relacionados com dores/problemas músculo-esqueléticos são os mais proeminentes. Apesar de estes problemas serem característicos do envelhecimento “normativo”, as próprias identificam fatores da atividade que agravam os mesmos e, por outro lado, também consideram que o facto de os terem afeta a realização de tarefas importantes da função, como o desenvolvimento de atividades psicomotoras com as crianças. É

de notar que, como referido no objetivo específico 1, as educadoras têm a expectativa de que as condições de saúde se irão agravar ainda no futuro.

Como referido anteriormente e, como o já constatado por Cau-Bareille (2011; 2014), o facto de a superfície de trabalho no jardim de infância ser baixa (e.g. cadeiras, mesas, etc.), o facto de as crianças serem pequenas e ser necessários pegá-las ao colo, a necessidade de mobilizar o corpo em toda a atividade conduz a posturas desconfortáveis e desadequadas e a movimentos que prejudicam a saúde física das mesmas.

O problema vocal de uma das educadoras de infância, embora só encontrado nessa participante, é relevante uma vez que ela própria atribui a causa aos anos de serviço e por os professores, no geral, serem considerados dos profissionais com maior risco de desenvolvimento de distúrbios do aparelho vocal apresentando maiores queixas a este nível do que quando comparados a outros profissionais (Assunção, & Oliveira, 2009; Jardim, Barreto, & Assunção, 2007; Kovess-Masféty, Sevilla-Dedieu, Rios-Seidel, Nerrière, & Chee, 2006).

Assim, a atividade influencia o envelhecimento porque embora alguns problemas possam ser decorrentes do envelhecimento normal, são agravados pela atividade de trabalho. O mesmo ocorre no sentido inverso, ou seja, o envelhecimento e o aumento das dificuldades e dos problemas de saúde conduz a que a realização das tarefas seja afetada. Deste modo, podemos afirmar que estas educadoras de infância reconhecem que de alguma forma se encontram envelhecidas “pelo” trabalho (e.g. sentirem que o aumento das burocracias te impacto na sua saúde; sentirem que as cadeiras pequenas lhes causam dificuldades à medida que se tornam mais velhas) e em “relação” ao trabalho (e.g. as dificuldades a nível físico que sentem dificultam o desenvolvimento de atividades psicomotoras) (Laville, & Volkoff, 2007).

Se pensarmos na saúde como algo que tende a fragilizar-se com o passar dos anos, entendemos como, para estas educadoras, se torna difícil imaginarem-se com saúde suficiente para se manterem em funções, quando têm pelo menos mais 6 anos pela frente (para a educadora com mais anos de serviço por “cumprir” faltam ainda 14 anos) sentindo que a sua saúde já se encontra atualmente comprometida.

Sumariamente, e discriminando cada uma das educadoras de infância, podemos encontrar diferenças na forma como se sentem em relação ao seu envelhecimento na atividade.

E1, com 52 anos e 31 anos de serviço, embora tenha manifestado várias vezes que não se sente diminuída na sua capacidade de trabalho, manifesta também grandes preocupações em manter-se ao trabalho em idade mais avançada uma vez que se sente limitada em termos físicos por dores de costas e problemas vocais que prevê tornarem-se ainda mais proeminentes no final de carreira.

E2, 53 anos e 26 anos de serviço, é, das quatro educadoras, a que se percebe menos afetada pelo envelhecimento na sua atividade. Apesar disso, identifica exigências de trabalho que lhe causam desgaste (e.g. aumento das burocracias) e mostra-se revoltada em relação ao aumento da idade de aposentação.

E3, de 58 anos e 32 anos de serviço, parece ser a mais debilitada em termos físicos e cujos problemas mais afetam a atividade (problemas de pernas que lhe limitam a mobilidade). Por outro lado, é a única que manifesta opiniões e expectativas ambivalentes face à extensão da idade de aposentação.

Por fim, E4, 60 anos e 36 anos de serviço, sente-se muito afetada e frustrada perante este aumento, muito devido ao facto de ter passado por uma fase em que esperava reformar-se e não o ter conseguido. É esta a educadora que mais se manifestou na sessão de restituição, reafirmando que as dificuldades na atividade apenas aumentavam à medida que os anos iam passando.

IV – Reflexão final

“Ageing teachers are in a complex situation. On the one hand, they do a job they like, a job they do not want to leave. But on the other hand, the job has a cost and involve constraints that are increasingly difficult to manage towards the end of their careers”

Cau-Bareille, 2011, p. 28

O presente trabalho vem reafirmar a importância do acesso à atividade, nomeadamente, à importância de dar a voz aos trabalhadores porque são eles os verdadeiros protagonistas, são eles que a sentem e só a partir deles se pode tentar atingir o verdadeiro significado e entender o peso da atividade de trabalho.

Perante o apresentado, pode-se concluir que apesar dos fatores positivos associados ao avançar da idade (remetendo para o título da presente dissertação, os prós), a educação de infância e as suas condições e exigências específicas têm um impacto cumulativo na saúde dos educadores (os contra) e, ao mesmo tempo, tornam o desenvolver da atividade mais custoso. Para além disso, as alterações à política de aposentação, nomeadamente a extinção do regime especial de aposentação e a inserção da profissão no regime geral de aposentação, foi sentida de forma dura pelas educadoras de infância que viram as suas expectativas quebradas, percecionaram desigualdades e dificuldades crescentes na permanência ao serviço em idade mais avançada.

Considera-se que o objetivo central do estudo - *Compreender o papel do avançar da idade e das condições de trabalho na atividade dos EI* – foi alcançado uma vez que se percebeu, e trouxe-se à tona, que as condições e exigências da atividade de trabalho têm impacto na saúde e envelhecimento das educadoras de infância (agravando dificuldades inerentes ao envelhecimento e até sendo mesmo identificadas como a causa de problemas de saúde) ao mesmo tempo que esse envelhecimento afeta, positivamente mas também dificulta algumas tarefas da atividade.

Recuperando os conceitos de envelhecimento “pelo” trabalho e envelhecimento “em relação” ao trabalho, é viável afirmar que as participantes percecionam que existe um envelhecimento “pelo” trabalho sendo que as condições

de trabalho e as suas exigências estão a manifestar efeitos no processo de envelhecimento e saúde das educadoras de infância. No entanto, também podemos considerar que as educadoras percecionam que existe um envelhecimento “em relação” ao trabalho uma vez que sentem que o avançar da idade lhes está a limitar a capacidade de trabalho e que no futuro tanto o envelhecimento “pelo” como o “em relação” ao trabalho lhes trará dificuldades de manutenção ao serviço até atingirem a idade de aposentação.

A citação que inicia este capítulo é reflexo das conclusões desta investigação, ou seja, apesar desta ser uma profissão da qual retiram prazer é uma profissão que vai desgastando e tornando-se mais difícil à medida que as educadoras de infância avançam na idade. As educadoras encaram o permanecer no trabalho como algo que será custoso em termos físicos e cognitivos, refletindo-se na sua saúde. Isto significa que percecionam os “contra” de permanecer a trabalhar até idade mais avançada como mais pesados do que os “prós”.

O referido deverá ter implicações e trazer visibilidade à necessidade de se pensar sobre das condições de trabalho destes profissionais, porque as alterações que conduzem a um prolongamento da vida ativa, por vezes, não têm em consideração a penosidade do trabalho e a saúde dos que o executam. Deve ter-se em conta que, embora não sejam automaticamente visíveis e/ou medíveis os riscos associados à profissão (como o são em profissões mais exigentes a nível físico), eles existem e são de carácter cumulativo, o que provoca desgaste progressivo nas educadoras de infância, mais notório à medida que a idade avança, começando-se a refletir-se no estado de saúde. Assim, deve-se refletir sobre os custos deste trabalho na saúde das educadoras de infância e, conseqüentemente, ponderar-se sobre, se não houver a possibilidade de ocorrerem alterações nas políticas de aposentação, como aliviar ou tornar mais viável o permanecer a trabalhar após os 60 anos. Como sugerido pelas próprias educadoras de infância, uma “solução” poderia passar pela redução da componente letiva, trabalho a meio termo ou alteração para outras funções, como o apoio.

É ainda pertinente referir que as educadoras participantes no estudo de Cau-Bareille (2014), referem que não sabem como irão aguentar o ter de trabalhar até à idade de aposentação, que no cenário francês significa os 60 anos de idade, sendo que muitas optam pela reforma antecipada. A realidade portuguesa traz

consigo uma “obrigação” de mais seis anos de trabalho, pelo que as implicações na saúde das educadoras é ainda mais preocupante.

Limitações do presente estudo e propostas para futuro estudos

Como todas as investigações, esta não foge à regra, e engloba limitações que devem ser exploradas. Embora não tenha sido esse o objetivo do estudo em causa, uma vez que tem um carácter exploratório, convém salientar que o número reduzido de sujeitos não permite a generalização dos resultados obtidos, sendo que no entanto permitiu aceder à realidade, à forma como os sujeitos a experimentam e sentem. Ou seja, o conhecimento produzido não possui uma validade universal, mas antes circunscreve-se numa determinada realidade, com certos trabalhadores e condições de trabalho concretas.

Uma das principais limitações prende-se com a falta de estudos relacionados com o tema, dificultando a sustentação teórica do mesmo e a comparação de resultados encontrados. Também é de referir que o estudo que permite melhores comparações foi realizado com educadoras de infância francesas, embora sejam de um país da europa, obviamente a realidade nacional, as leis do trabalho e as condições de trabalho apresentaram diferenças significativas quando comparadas com a realidade portuguesa. Ainda, esta investigação não se debruçou sobre as estratégias de regulação/compensação dos sujeitos o que poderia ter enriquecido o presente trabalho.

Por fim, resta a proposta para futura investigação na área. Parece pertinente reforçar que a investigação que aborda a questão do avançar da idade na atividade dos educadores de infância é muito escassa, sendo a maioria focado na questão do género. Muitas outras opções de análise do tema seriam possíveis, como comparação da atividade dos educadores do sector público e privado, nomeadamente procurar entender se as condições de trabalho nos dois sectores têm diferentes efeitos na saúde e no processo de envelhecimento destes profissionais; estudos de carácter quantitativo que permitissem abranger um maior número de sujeitos e conduzissem, embora a uma visão não tão aprofundada e concreta, a uma visão global da atividade que permitisse generalizar algumas das conclusões encontradas; alargar o estudo a outras regiões; comparar grupos de docentes com idade avançada; etc.

No entanto considero que as mais relevantes passariam pela realização de estudos comparativos com grupos de educadoras de infância de faixas etárias diferentes (jovens, entre os 25 e os 45 anos, e mais velhos, dos 45 aos 66 anos), o que poderá trazer *insights* interessantes em relação às diferentes formas de desenvolver as tarefas da atividade de trabalho e as condições de saúde. Uma outra sugestão, que poderia revelar aspetos elucidantes do passar dos anos na profissão dos educadores de infância, poderá passar por investigação de carácter longitudinal que permita o acompanhamento dos educadores ao longo dos anos de serviço, o acompanhamento do seu envelhecimento na atividade de trabalho.

O resultado, decorrente da restituição, de que as participantes sentem existir, por parte de alguns pais, preconceito em relação às educadoras de infância mais velhas o que conduz a que coloquem os filhos nos jardins de infância privados, poderá ser um dado relevante e impulsionador de estudos. Portanto, os temas relacionados como o preconceito e estereótipos em relação aos trabalhadores mais velhos, já estudados em outras profissões, poderão ser explorados nos educadores de infância e professores.

Para além do referido, daqui a uns anos, caso a idade de aposentação dos educadores não seja alterada, este grupo profissional será ainda mais envelhecido do que já o é atualmente. Aí será interessante realizar estudos que se debrucem sobre a atividade dos protagonistas do mesmo em idade avançada (65 anos) e do processo de aposentação.

Bibliografia

- Abrahão, J. I. (2000). Reestruturação produtiva e variabilidade do trabalho: uma abordagem da ergonomia. *Psicologia: teoria e Pesquisa*, 16(1), 49-54. Doi: 10.1590/s0102-37722000000100007
- Assunção, A., & Oliveira, D. (2009). Intensificação do trabalho e saúde dos professores. *Educ. Soc.*, 30(107), 349-372. Doi: 10.1590/s0101-73302009000200003
- Bardin, L. (2011). *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70.
- Borges, M. E. S. (2004). Trabalho e gestão de si: para além dos “recursos humanos”. *Cadernos de Psicologia Social do Trabalho*, 7, 41-49. Doi: 10.11606/issn.1981-0490.v7i0p41-49
- Brito, J. (2011). A ergologia como perspectiva de análise: a saúde do trabalhador e o trabalho em saúde. In M. Gomes, C. Machado, H. Pena & P. G. Lopes (Eds.), *Saúde do trabalhador na sociedade brasileira contemporânea* (pp. 479-494). Rio de Janeiro: Editora Fiocruz.
- Cabral, M. V., Ferreira, P. M., Silva, P. A. da, Jerónimo, P. G., Marques, T. (2013). *Processos de envelhecimento em Portugal: usos do tempo, redes sociais e condições de vida*. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos.
- Cau-Bareille, D. (2011). Factors influencing early retirement in a female-dominated profession: kindergarten teacher in France. *Work (Reading, Mass)*, 40(1), 15-30. Doi: 10.3233/WOR-2011-1265
- Cau-Bareille, D. (2014). Estratégias de trabalho e dificuldades dos professores em fim de carreira: Elementos para uma abordagem sob o prisma do género. *Laboreal*, 10(1), 59-78. Doi: 10.15667/laborealx0114dcb
- Clot, Y. (2006). *A função psicológica do trabalho*. Petrópolis: Editora Vozes.
- Davezies, F. (1992). The development of the functional condition of people in relation to their age, and the consequences for work activity. In European Foundation for the Improvement of Living and Working Condition. *Ageing at work* (pp. 25-29). Luxembourg: Office for Official Publications of the European Communities.
- Dejours, C. (2004). Subjetividade, trabalho e ação. *Revista Produção*, 14(3), 27-34. Doi: 10.1590/S0103-65132004000300004

- Denzin, N. K. & Lincoln, Y. S. (2006). A disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. In N. K. Denzin & Y. S. Lincoln (Org.). *O planejamento da pesquisa qualitativa* (pp.15-41). Porto Alegre: Artmed.
- DGEEC & DSEE (2015). *Perfil do Docente 2013/2014*. Lisboa: DGEEC.
- Droit, S., Guérin, F., Lochouarn, D., & Motte, B. (1992). Ageing at work: plan for the preparation of a problem survey. In European Foundation for the Improvement of Living and Working Condition. *Ageing at work* (pp. 25-29). Luxembourg: Office for Official Publications of the European Communities.
- Durrive, L. & Schwartz, Y. (2008). Glossário de ergologia. *Laboreal*, 4(1), 23-28. <http://laboreal.up.pt/revista/artigo.php?id=48u56oTV6582234396587;63882>
- Eurostat European Commission (2011). *Active ageing and solidarity between generations – A statistical portrait of the European Union 2012*. Luxembourg: Publications Office of the European Union.
- Eurostat Statistics Explain. (2015). *Population structure and ageing*. Consultado em Julho de 2015, em http://ec.europa.eu/eurostat/statistics-explained/index.php/Population_structure_and_ageing
- Falzon, P. (2007). Natureza, objetivos e conhecimentos da ergonomia. In P. Falzon (Ed.). *Ergonomia*. (pp. 3-19). São Paulo: Editora Blucher.
- Falzon, P., & Mollo, V. (2009). Para uma ergonomia construtiva: as condições para um trabalho capacitante. *Laboreal*, 5(1), 61-69. <http://laboreal.up.pt/revista/artigo.php?id=37t45nSU54711235922317:3421>
- Flick, U., Kardorff, E. & Steinke, I. (2008). What is qualitative research? An introduction to the field. In U. Flick, E. Kardorff, & I. Steink (Ed.). *A companion to qualitative research* (pp. 3-12). London: SAGE.
- Fraser, M., & Gondim, S. (2004). Da fala do outro ao texto negociado: discussões sobre a entrevista na pesquisa qualitativa. *Paidéia*, 14(28). Doi: 10.1590/s0103-863x2004000200004
- Gaudart, C. (2014). Jubilação. *Laboreal*, 10(2), 103-105. Doi: 10.15667/laborealx0214cgpt
- Ilmarinen, J. E. (2001). Aging workers. *Occupational and environmental medicine*, 58(8), 546-546. Doi: 10.1136/oem.58.8.546
- Ilmarinen, J., Tuomi, K., & Klockars, M. (1997). Changes in the work ability of active employees over an 11-year period. *Scandinavian journal of work, environment & health*, 23(1), 49-57.

- INE, I. (2011). Classificação portuguesa das profissões 2010. *Lisboa: INE*.
- Jardim, R., Barreto, S., & Assunção, A. (2007). Condições de trabalho, qualidade de vida e disfonia entre docentes. *Cadernos De Saúde Pública*, 23(10), 2439-2461. Doi: 10.1590/s0102-311x2007001000019
- Jolivet, A. & Lee S. (2004). Employment conditions in an ageing world: Meeting the working time challenge. *Conditions of work and employment series*, 9, 1-38.
- Kourmoussi, N., Darviri, C., Varvogli, L., & Alexopoulos, E. (2015). Teacher stress inventory: validation of the greek version and perceived stress levels among 3,447 educators. *Psychology Research and Behavior Management*, 81. DOI: 10.2147/prbm.s74752
- Kovess-Masféty, V., Sevilla-Dedieu, C., Rios-Seidel, C., Nerrière, E., & Chee, C. C. (2006). Do teachers have more health problems? Results from a french cross-sectional survey. *BMC Public Health*, 6(1), 101. Doi: 10.1186/1471-2458-6-101
- Lancman, S., Sznalwar, L. I., & Jardim, T. A. (2006). Sofrimento psíquico e envelhecimento no trabalho: Um estudo com agentes de trânsito. *Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo*, 17(3), 129-136. Doi: 10.11606/issn.2238-6149.v17i3p129-136
- Laville, A., & Volkoff, S. (2007). Envelhecimento e Trabalho. In P. Falzon (Ed.). *Ergonomia* (pp. 111-123). São Paulo: Blucher.
- Lima, F. D. P. A. (1999). Ergonomia e projeto organizacional: a perspectiva do trabalho. *Revista Produção*, 9, 71-98. Doi: 10.1590/s0103-65131999000400005
- Lima, M. E. A. (2002). *A questão do método em psicologia do trabalho. Psicologia organizacional e do trabalho: teoria, pesquisa e temas correlatos* (pp. 123-132). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Luoma, I., Virokannas, H., Rahkonen, M., Uusimäki, A. A., & Rajala, U. (1997). Work career and health in aged urban population. *Work after 45?*, 222-229.
- Martinez, M. C., Latorre, M. D. R. D. D., & Fischer, F. M. (2010). Work ability: a literature review. *Ciência & Saúde Coletiva*, 15, 1553-1561. Doi: 10.1590/S1413-81232010000700067
- Mertens, D. M. (2010). Research and evaluation environment & health. In D. M., Mertens (Eds.), *Research and evaluation in education and*

- psychology: integrating diversity with quantitative, qualitative, and mixed methods* (pp. 49-57). Los Angeles: Sage Publications.
- Millanvoye, M. (1998). Ageing of the organism before sixty years of age. In J. D., Marquié, D. P., Cau-Bareille &, S. Volkoff (Eds.), *Working with age* (pp. 133-162). London: Taylor & Francis.
- Montmollin, M. & Darses, F. (2011). *A Ergonomia (2ª edição revista e aumentada)*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Motard, M. H. (2013). Le travail entre plaisir et souffrance. In M. H. Motard (Org.). *Apprendre à écouter le travail: une expérience de «travail sur le travail»* (pp. 23-26). FSU Poitou-Charentes/Institut de recherché de la FSU.
- Ramos, S. C. M. S. (2006). *Envelhecimento, trabalho e cognição: do laboratório para o terreno na construção de uma alternativa metodológica*. (Dissertação de Doutoramento em Psicologia). Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto.
- Ramos, S., & Lacomblez, M. (2005). Envelhecimento, trabalho e cognição: 80 anos de investigação. *Plur (e) al,[on-line]*, 1(1), 52-60. <http://laboreal.up.pt/revista/artigo.php?id=48u56oTV658223375>
- Schwartz, Y. (2007). Trabalho e ergologia. In Y. Schwartz & L. Durrive (Org.). *Trabalho e ergologia: conversas sobre a atividade humana*. Niterói: Eduff.
- Schwartz, Y. (2011). Manifesto por um ergoengajamento. In P. F. Bendassolli & L. A. Soboll, (Org.). *Clínicas do trabalho. Novas perspectivas para a compreensão do trabalho na atualidade* (pp. 132-166). Atlas: São Paulo.
- Silva, C. R., Gobbi, B. C., & Simão, A. A. (2011). O uso da análise de conteúdo como uma ferramenta para a pesquisa qualitativa: descrição e aplicação do método. *Organizações Rurais & Agroindustriais*, 7(1), 70-81.
- SPLIU, (2015). *Petição: Regime especial de aposentação para a classe docente*. Consultado dia 18 Junho de 2015, em <http://www.spliu.pt/spliu267.pdf>
- Suzuki, T. (1988). Work in the society with an ageing population structure. *Journal of human ergology*, 17(1), 1-2.
- Trinquet, P. (2010). Trabalho e educação: o método ergológico. *Revista HISTEDBR On-line*, 10(38), 93-113.
- Tsai, E., Fung, L., & Chow, L. (2006). Sources and manifestations of stress in female kindergarten teachers. *International Education Journal*, 7(3), 364-370.

- Tsigilis, N., Zachopoulou, E., & Grammatikopoulos, V. (2006). Job satisfaction and burnout among Greek early educators: A comparison between public and private sector employees. *Educational Research and Review*, 1(8), 256-261.
- Volkoff, S. (1989). Le travail après 50 ans: quelques chiffres et plusieurs inquiétudes. *Le Travail humain*, 52(2), 97–116.
- Volkoff, S., Molinié, A. F., & Jolivet, A. (2000). *Efficaces à tout âge?: vieillissement démographique et activités de travail*. Paris: Centre d'etudes de l'emploi.
- Whitbourne, S. K. (2005). *Adult development and aging: biopsychosocial perspectives* (2^a ed). New York: Wiley.
- World Health Organization, (2002). *Active ageing: A policy framework* (pp. 12-18). Geneva: World Health Organization.

Legislação consultada

Lei n.º 46/86, de 14 de Outubro. Lei de Bases do Sistema Educativo. Diário da República n.º237 – 1^a Série. Assembleia da República.

Decreto-Lei n.º 139-A/90, de 28 de Abril. Diário da República n.º 98 – 1.^a Série. Ministério da Educação.

Decreto-Lei n.º 35/2003, de 27 de fevereiro. Diário da República n.º 49 - 1.^a Série A. Ministério da Educação e Ciência.

Despacho Normativo n.º 19.117/2008, de 17 de Julho. Diário da República n.º 137 – 2.^a Série. Ministério da Educação.

Lei n.º 85/2009, de 27 de Agosto. Diário da República n.º 166 – 1.^a Série. Assembleia da República.

Despacho Normativo n.º 7-A/2013, de 10 de julho. Diário da República n.º131 - 2.^a Série. Ministério da Educação e Ciência.

Decreto-Lei 179/2005, de 2 de Novembro. Diário da República n.º 210 – 1.^a Série A. Ministério das Finanças e da Administração Pública.

**Anexo 1 - Guião de entrevista de itens sociodemográficos e de
percurso profissional**

Entrevista Sociodemográfica e de Percurso Profissional

Data: _____

Dados Pessoais e Profissionais:

Sexo

Masculino

Feminino

Idade: _____

Número de anos de trabalho: _____

Distância da residência ao Jardim de Infância atual: _____

Número de Crianças em sala: _____

Número médio de faltas no último ano: _____

Motivo que conduziu às faltas:

Percurso anterior (momentos chave: escolas onde trabalhou, distância de casa, número de crianças, idade das crianças, etc.).

Anexo 2 - Guião de entrevista semiestruturada base

Guião de Entrevista base

1 - Como descreveria o seu dia típico de trabalho?

2 – Como descreveria um dia típico de trabalho no início da sua carreira? Quais as principais diferenças entre o dia típico de trabalho nessa altura e um dia típico de trabalho atualmente?

3 - Quais as atividades que considera mais prazerosas no desempenho da sua função como educadora de infância? Responda com um exemplo de uma situação concreta.

4 - Quais as atividades que considera mais difíceis de realizar/lidar e porquê? Responda com um exemplo concreto.

5 – Considera que existem alguns constrangimentos no ambiente físico do seu jardim de infância que lhe dificultam o desempenhar da sua função (ruído, temperatura, iluminação, tamanho do espaço, presença ou ausência de auxiliar, diferentes níveis etários, ritmo de trabalho, etc.)?

6 – No jardim de infância é (quase) tudo desenhado a pensar nas crianças, pelo que o tamanho das cadeiras, das mesas e móveis são demasiado pequenos. Considera que, de alguma forma, este facto condiciona o seu trabalho ou causa-lhe problemas?

7 - Tem algum problema de saúde? (Considera que esse problema interfere com a sua atividade de trabalho ou que foi causada/agravado pela mesma?)

8 - Considera que à medida que os anos foram passando se tornou mais difícil a sua capacidade para lidar com algumas situações/tarefas da sua atividade profissional?

9 - Como descreveria a sua capacidade de trabalho atual comparando com a capacidade que tinha há [X] anos atrás, nomeadamente no primeiro jardim de infância onde trabalhou (Local)? (O que mudou, o que se manteve...)

10 - Como se sente relativamente à extensão da idade da reforma.

11 - Dentro de [X] anos ainda estará ao serviço (segundo a lei da reforma), como se imagina daqui a [X] anos no desempenho da sua função?

Anexo 3 - Guião de restituição dos resultados

Restituição para validação dos resultados de entrevista:

1) Fatores relacionados com o avançar da idade que afetam a atividade de trabalho:

a) Fatores relacionados com o avançar da idade na atividade que facilitam a atividade de trabalho	Exemplo	Observações
Experiência;	“embora na minha prática tenha sido sempre, tenha-me pautado sempre por ser cuidadosa e organizada e sempre presente na atividade de trabalho, mas noto-me mais consciente, reflito mais, ponho mais em causa...”	<u>- Como se posicionam em relação a esta verbalização?</u>
Mais paciência/Disponibilidade;	“Ou porque estou mais disponível, ou porque estou mais sensível ou porque a competição é mais (hmm) maior...” “De resto não, olhe até a nível de paciência acho que está... (hum) Que a idade vai avançando, também falo por mim não falo pelos outros, não é? Eu comigo é isso que está a acontecer, sinto-me muito mais calma, muito mais...”	<u>- Como se posicionam em relação a esta verbalização?</u>
Gosto pela profissão/Gosto pela interação com as crianças;	“Pronto, eu sempre gostei de ser educadora e não mais do que isso e acho que isso sempre se manteve e acho que se manterá, e espero que se mantenha quando vierem os meus netos... se os tiver.”	<u>- Como se posicionam em relação a esta verbalização?</u>

Busca por formação/atualização;	““nós [educadoras de infância] procuramos fazer melhor, procuramos ser mais dinâmicas, mais atualizadas””	- <u>Como se posicionam em relação a esta verbalização?</u>
Percepção de ainda ter capacidade para lidar com as exigências da função;	“Em relação à minha capacidade de trabalho... eu não considero que a minha capacidade de trabalho esteja diminuída... É assim, eu considero que ainda tenho muito para dar e que no trabalho com as crianças faço o meu melhor...”	- <u>Como se posicionam em relação a esta verbalização?</u>

- **Em relação a (1a), acrescentariam alguma coisa que consideram que facilita a atividade de trabalho à medida que a idade avança?**

b) Fatores relacionados com o avançar da idade na atividade que dificultam a atividade de trabalho	Exemplo	Observações
Lacunas na formação inicial	“(hmm) as pessoas sabiam muito pouco de educação pré-escolar, sabia-se muito pouco...”	- <u>Como se posicionam em relação a esta verbalização?</u>

Novas tecnologias	““Há coisas mais difíceis, por exemplo os computadores, não é?”	- <u>Como se posicionam em relação a esta verbalização?</u>
-------------------	---	---

- Em relação a (1b), acrescentariam alguma coisa?

c) Condições e exigências de trabalho que dificultam a atividade de trabalho à medida que a idade avança	Exemplo	Observações
Alterações ao nível de burocracias	“considero é que as coisas de politicas, esta... tudo o que está à volta, estas novas politicas educacionais, estas novas burocracias não estão a favorecer em nada a educação, nem a saúde dos educadores”	- <u>Como se posicionam em relação a esta verbalização?</u> - <u>O que entendem por “aumento das burocracias”?</u>

		<p><u>- Que consequências consideram existir para a saúde ou atividade do aumento destas burocracias?</u></p>
Constituição das turmas	<p>“Mas na verdade noto que as crianças falam muito alto e como elas são muitas, o barulho incomoda-me um bocadinho, incomoda-me um bocadinho mesmo.”</p> <p>“pode perturbar pode haver algum stress se o grupo for maior (como é o caso deste ano) e às vezes há um bocadinho de stress e também a nível de saúde não é?”</p>	<p><u>- Como se posicionam em relação a esta verbalização?</u></p> <p><u>- Turmas maiores sinónimo de ruído incomodo?</u></p> <p><u>- Turmas maiores sinónimo de maior stress?</u></p>
Tipo de atividades (nomeadamente psicomotoras)	<p>““[dificuldades em atividades] nomeadamente psicomotoras que aí é que eu noto um bocadinho de constrangimentos.”</p>	<p><u>- Como se posicionam em relação a esta verbalização?</u></p>
Qualidade dos recursos - Materiais - Humanos	<p><u>Humanos:</u> “Porque eu sei que uma psicóloga dentro de um jardim de infância fazia-me... sei lá... era uma abertura, fazia-me bem, fazia ali uma parceria, fazia um trabalho excelente porque eu sei que há crianças que trazem problemas de casa implícitos e que não desenvolvem”</p>	<p><u>- Como se posicionam em relação a estas verbalização?</u></p>

Materiais: “É assim, tem um equipamento muito fraco, muito muito fraco, os móveis estão estragados e não são móveis apelativos. Não tem um mobiliário apelativo! E mesmo o material também não é muito apelativo.”

- **Em relação a (1c), acrescentariam alguma coisa?**

2) Problemas de saúde causados ou agravados pela atividade de trabalho:

- Problemas físicos (dor de costas, dificuldades em levantar; etc.);
- Problemas vocais;
- Tensão arterial alta;

- **Em relação a (2), concordam? Acrescentariam alguma coisa aos problemas de saúde causados ou agravados pela atividade de trabalho?**

3a) Opinião e impacto da extensão da idade de aposentação:

- ❖ Muito tardia;
- ❖ Sentimento de injustiça;
- ❖ Frustração/angústia;
- ❖ Sentimento de já ter dado o seu contributo;
- ❖ Atitudes ambivalentes face à aposentação



<p>- <u>Como se posicionam em relação a estas conclusões?</u></p> <p>- <u>Acrescentariam alguma coisa?</u></p>
--

3b) Perspetivas futuras face à capacidade de trabalho em idade avançada (65/66 anos):

- ❖ Receio de não conseguir manter-se ao serviço ou continuar debilitada;
Exemplo: “Acho que não tenho ‘estaleca’ para lá chegar.”

- ❖ Perda de capacidades físicas e /ou cognitivas;
Exemplo: “Quer física, quer psicológica... Não sei se vou ter capacidade para estar acompanhar um grupo de crianças...”



- **Em relação a (3b), concordam? Têm alguma coisa a acrescentar?**

--

→ O que poderia ser feito para melhorar as condições de trabalho de forma a adaptar a atividade às EI à medida que envelhecem?

- Turmas mais pequenas?
- Redução da componente letiva?
- Atribuição de outras funções?
- _____ ??

Anexo 4 - Pedido de colaboração ao agrupamento de escolas

Agrupamento de Escolas de _____

Ao c/ do Sr. Diretor

Rua _____

Assunto: Pedido de autorização para realização de estudo no âmbito do Mestrado em Psicologia na área de especialização em Psicologia do Trabalho

Exmo. Sr.º Diretor do Agrupamento de _____,

Sou aluna do 5º ano do Mestrado Integrado em Psicologia da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto, na área da Psicologia das Organizações, Social e do Trabalho, e encontro-me a realizar os trabalhos de mestrado sob a orientação da Professora Doutora Marta Santos.

Venho por este meio, solicitar a sua autorização para a realização de uma investigação no vosso agrupamento, no âmbito do trabalho empírico do mestrado. Em concreto, este estudo terá como objetivo geral perceber de que forma a idade dos educadores de infância pode afetar a forma como realizam o seu trabalho e se sentem em relação ao seu trabalho. A pertinência deste tema reside no facto de, por uma lado, se tratar de uma população cada vez mais envelhecida, especialmente na região centro e no sector público e, por outro, se tratar de um trabalho com exigências físicas, cognitivas e psicológicas evidentes, situação que era reconhecida, até há alguns anos atrás, nomeadamente quando se autorizava a reforma antecipada sem penalizações para este grupo profissional.

Para a concretização deste estudo, seria importante realizar observações em contexto real (sala de atividades), bem como entrevistar educadores de grupo etário a designar.

Estou disponível para prestar quaisquer esclarecimentos que julgue necessários sobre este pedido.

Agradeço desde já a sua disponibilidade e aguardo a sua resposta com a brevidade possível.

Com os melhores cumprimentos,

Porto, 14 de novembro de 2014

(Sara Carolina Santos)

Sara Carolina Ascensão Alves dos Santos (e-mail: _____; Número de Telefone: _____)

Anexo 5 - Consentimento Informado das EI

Consentimento informado

A atividade dos Educadores de Infância ao longo do tempo

Este estudo enquadra-se no âmbito da dissertação de mestrado integrado em Psicologia (área de Psicologia das Organizações, Social e do Trabalho), que será apresentada na Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, para a obtenção do grau de Mestre em Psicologia, pela aluna Sara Carolina Ascensão Alves dos Santos.

Este trabalho de investigação será desenvolvido sob a orientação da Professora Doutora Marta Santos, docente na Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto.

Com o intuito de conhecer a atividade real de trabalho dos Educadores de Infância, solicita-se a sua participação numa curta entrevista para a recolha de dados gerais e uma outra, mais longa, que visa aprofundar as questões da idade na atividade dos Educadores de Infância. A primeira terá a duração aproximada de 20 minutos. A segunda de 40 minutos e será gravada.

Posteriormente à análise dos dados recolhidos, os resultados serão restituídos aos participantes envolvidos nesta pesquisa.

Caso recuse a participação, essa decisão não lhe trará quaisquer benefícios ou prejuízos.

Desde já, garantimos que o anonimato e a confidencialidade serão mantidos.

Obrigado pela sua colaboração.

Caso deseje esclarecimentos adicionais, contacte: _____;

“Declaro que tomei conhecimento dos objetivos do estudo. Fui informado/a de todos os aspetos que considero importantes e tive oportunidade de esclarecer as minhas dúvidas sobre a investigação. Participo de forma voluntária e fui

informado/a de que a minha participação, ou recusa em participar, não traria quaisquer benefícios ou prejuízos para mim.”

Participante

Assinatura

Data ___/___/___

Anexo 6 - Definições operacionais das subcategorias

Definições Operacionais das Subcategorias

- Categoria de 1ª ordem (1) - **“Avançar da idade e AT”**:

Categoria de 2ª ordem (1.1.) – **“Fatores relacionados com o avançar da idade na atividade que afetam a AT”**: engloba os fatores relacionados com o avançar da idade que contribuem positivamente para o desenvolver da atividade de trabalho e os fatores que a constroem (1.1.1. “Facilitadores da AT”; 1.1.2. “Dificultadores da AT”).

- Categoria de 1ª ordem (2) – **“Condições e exigências da AT”**:

Categoria de 2ª ordem (2.1.) - **“Alterações a nível burocrático”**: corresponde à percepção de um aumento a nível de burocracias que afetam a atividade de trabalho das educadoras de infância (2.1.1: “Aumento das Burocracias”).

Categoria de 2ª ordem (2.2.) - **“Constituição das turmas”**: Diz respeito às características das turmas que causam constrangimentos à atividade de trabalho (2.2.1: “Tamanho”).

Categoria de 2ª ordem (2.3) – **“Atividades psicomotoras”**: Corresponde aos constrangimentos e dificuldades causados pela necessidade de desenvolvimento de atividades psicomotoras.

Categoria de 2ª ordem (2.3) – **“Qualidade dos recursos”**: engloba os recursos materiais e humanos cuja fraca qualidade ou escassez tem implicações negativas na atividade de trabalho das educadoras de infância (2.4.1: “Materiais”; 2.4.2: “Humanos”).

- Categoria de 1.ª Ordem (3) – **“Condições de saúde associadas à AT”**:

Categoria de 2.^a ordem (3.1.) – **“Problemas do foro físico”**: Corresponde à identificação dos problemas a nível físico que se encontram relacionados, provocados ou agravados, com a atividade de trabalho.

Categoria de 2.^a ordem (3.2.) – **“Problemas do foro emocional”**: Corresponde à identificação dos problemas a nível emocional que se encontram relacionados, provocados ou agravados, com a atividade de trabalho.

Categoria de 1.^a ordem (4) – **“Aposentação”**:

Categoria de 2.^a ordem (4.1.) - **“Extensão da idade de aposentação”**: corresponde à opinião e ao impacto da extensão da idade de aposentação para os 66 anos nas EI (4.1.1. “*Opinião/Impacto da Extensão*”), bem como expectativas futuras de quando aptas estarão para a atividade de trabalho em idade mais avançada (4.1.2. “*Perspetivas da capacidade de trabalho em idade avançada*”).

Anexo 7 - Quadro do "dia típico" de trabalho proveniente das verbalizações das EI

	Atividades do “dia típico de trabalho”	E1	E2	E3	E4
Semelhanças	<p>a) Reunião com as crianças;¹¹</p> <p>b) Preenchimento de quadros;</p> <p>c) Planeamento das atividades;</p> <p>d) Atividades livres;</p> <p>e) Atividades orientadas;</p> <p>f) Hora do conto;</p>	<p>“Depois temos um momento de conversa em que as crianças contam novidades, em que conversamos uns com os outros...” (a)</p> <p>“Às nove da manhã é a hora do acolhimento, é quando organizamos as rotinas do dia a dia (c), quando preenchem os quadros do tempo, das presenças, do planeamento... (b)”</p> <p>“as crianças fazem atividades que eles próprios escolheram, (...)” (d)</p> <p>“ainda no período da manhã, há sempre uma atividade mais orientada, portanto uma atividade que geralmente é proposta por mim embora tenha que ter o acordo dele” (e)</p> <p>“(…) às duas horas tenho a hora do conto, (hmm) portanto é a hora onde conto a história e ela é explorada com eles.” (f)</p>	<p>“reunimos, damos os bons dias (a), esperamos geralmente por alguma criança que está mais atrasada e entretanto quando estamos todos planificamos o dia” (c)</p> <p>“(…) há os quadros de entrada onde há todos os dias a atualização dos quadros de entrada.(…) Permite assimilar vários conhecimentos, várias aprendizagens no quadro de duplas entradas...” (b)</p> <p>“(…) vão fazer uma atividade que já foi planificada, uma atividade orientada (e) . Depois (...) vão para as atividades que eles próprio planificaram, que eles próprios escolheram.” (d)</p> <p>“Geralmente temos o período da hora do conto que é (hmm) a parte que eles mais gostam.” (f)</p>	<p>“(…) depois temos... uma reuniãozinha digamos...conversamos em grande grupo (hum) às vezes canta-se a canção dos bons dias para dar as boas-vindas aos colegas (hum) e...e pronto e fala-se sobre assuntos que eles às vezes até trazem de casa, não é? (...)” (a)</p> <p>“(…) porque entretanto escolhem as atividades que gostam mais ou vamos preencher os mapas de presenças ou o tempo pronto (b), temos essa meia hora ali para determinar o que vamos fazer.” (c)</p> <p>“e pronto estão em atividades livres...” (d)</p> <p>“(…) começamos em atividades propriamente ditas, geralmente orientadas, depende do dia não é?! Ou expressão plástica ou expressão motora ou...pronto atividades orientadas digamos...” (e)</p>	<p>“(…) gosto de chegar e levar o grupo logo para a sala, sentá-los na mantinha e depois estamos ali um bocadinho a conversar (...)” (a)</p> <p>“depois faço a distribuição de serviço (c) e eles vão brincar (d) ou vão fazer atividades que estiverem já orientadas/programadas...” (e)</p> <p>“(…) passando pela hora do conto (...) gosto do momento da hora do conto, sei lá, ler pra eles poesia gosto muito e eles são recetivos...” (f)</p>

¹¹ Cada atividade foi discriminada a partir da atribuição de uma letra que aparece nas verbalizações de cada uma das participantes como indicador da sua presença. A cada uma, foi também atribuída uma cor de forma a facilitar a interpretação.

Singularidades

- **E1 refere que usualmente vai para o exterior com as crianças:** “ (...) se estiver bom tempo, **eu tenho por habito ir sempre à rua com as crianças** porque eu acho que se deve aproveitar o bom tempo, portanto **vou sempre à rua com as crianças...**”
- **E4 refere atividades de organização e preenchimento de sumários:** “Entretanto eles lancham, **eu faço o sumário, organizo alguma coisa** e retomamos às 11 menos qualquer coisa: vai de novo tudo para a sala.”

Anexo 8 - Quadro de análise de conteúdo

Categorias de 1ª ordem	Categorias de 2ª ordem	Categorias de 3ª ordem	Indicadores	Unidades de conteúdo¹²
<u>1: Avançar da idade e AT</u>	1.1: Fatores relacionados com o avançar da idade que afetam a AT	1.1.1: Facilitadores da AT	Experiência	<p>E1 (2): “Agora já sei lidar com os pais... sinto-me mais confiante porque já tenho experiência” “Na altura não tinha a experiência que tenho agora”</p> <hr/> <p>E2 (2): “agora tenho outra visão e tenho outra abertura para fazer aquilo que entendo.” “Sinto-me mais à vontade a fazer as coisas que tenho pra fazer, porque já tenho prática”</p> <hr/> <p>E3 (1): “Mas quer dizer, atualmente eu já consigo ver (hum) quais são as dificuldades deles que na altura pra mim aquilo não era dificuldade nenhuma. Eu já consigo separar as dificuldades das crianças daquilo que pra mim não é dificuldade (hum) e consigo entender que realmente é muito fácil para nós adultos, que já aprendemos mas eles coitaditos como estão ainda no início, não é... Eu na altura pensava que sabia tudo.”</p> <hr/> <p>E4 (1): “embora na minha prática tenha sido sempre, tenha-me pautado sempre por ser cuidadosa e organizada e sempre presente na</p>

¹² As unidades de conteúdo estão divididas para cada indicador ao mesmo tempo que são discriminadas por sujeito e apresentam – em seguida ao sujeito - o número de verbalizações para cada um dos indicadores.

atividade de trabalho, mas noto-me mais consciente, mais experiente, reflito mais, ponho mais em causa...”

Mais paciência/mais disponibilidade

E1 (2):

“mais disponibilidade familiar, porque eu tinha duas filhas em casa que agora já não tenho.”

“na altura saía às quatro e ia rápido pra casa porque tinha as filhas em casa sozinhas que já tinha chegado da escola. Agora já não ando com essas pressas”

E3 (4):

“só que eu era assim um bocado impulsiva e gostava de ter logo resultados... Ainda hoje sou assim um bocadinho, mas mais calma e com mais paciência...”

“De resto não, olhe até a nível de paciência acho que está... (hum) Que a idade vai avançando, também falo por mim não falo pelos outros, não é? Eu comigo é isso que está a acontecer, sinto-me muito mais calma, muito mais...”

“Sinto-me com muito mais paciência para eles, muito mais disponível, porque eu saía daqui com vinte cinco [crianças] e ainda tinha três em casa, não é? Agora como já são todos adultos e já não está nenhum em casa, a não ser nas férias e é quando é (hum) a disponibilidade já é outra também”

“Sinto-me bastante mais disponível, pronto”

E4 (2):

“Ou porque estou mais disponível, ou porque estou mais sensível ou porque a competição é mais (hmm) maior...”

“estamos mais disponíveis porque já não temos filhos pequenos em casa, dedicamos mais tempo ao jardim”

Gosto *pela* **E1 (1):**

profissão/Gosto *pela* “eu gosto do que faço, caso contrário seria muito complicado...”

interações com as **E2 (4):**

crianças “[o que mais gosta na profissão] Para mim é ver as crianças felizes.

É trabalhar e saber que eu posso dar à criança...”

“o que se mantém é a minha vontade de ser educadora e tornar as crianças felizes e transmitir esta... (hmm) o meu profissionalismo continua a ser o mesmo... E transmitir às crianças todo o meu afeto...”

“Pronto, eu sempre gostei de ser educadora e não mais do que isso e acho que isso sempre se manteve e acho que se manterá, e espero que se mantenha quando vierem os meus netos... se os tiver.”

“embora eu desde sempre gostasse e sempre gostei e quis e sempre hei de querer ser educadora”¹³

E3 (1):

“Se eu tivesse vindo para esta profissão obrigada ou sem gosto se calhar até agora já estaria a fazer um frete, não é?”

E4 (1):

¹³ Embora se tenha procurado que as categorias fossem mutuamente exclusivas [*princípio da exclusão mútua* referido por Bardin (2011) ou seja, que não contivessem elementos/unidades de conteúdo repetidos, em algumas situações houve a necessidade de utilizar o mesmo excerto (ou parte dele) em diferentes categorias.

“nunca pensei e ser mais nada que não incluisse a docência de alguma forma”

Perceção de ter capacidade e muito para dar

E1 (3):

“Eu não considero que a minha capacidade de trabalho esteja diminuída,”

“Mas não é que eu ache que não posso desenvolver um bom trabalho!”

“Em relação à minha capacidade de trabalho... eu não considero que a minha capacidade de trabalho esteja diminuída... É assim, eu considero que ainda tenho muito para dar e que no trabalho com as crianças faço o meu melhor...”

E4 (2):

“Eu acho que tenho capacidade de fazer um trabalho bom, mas posso demorar mais ou fazer outras coisas para lá chegar”

“Sou autónoma e capacitei-me vendo que o facto de estar com 60 anos ainda sou , - como hei de explicar? - alguns pais têm-me de certo modo elevado a autoestima a nível profissional...”

Formação/Procura de atualização

E1 (4):

“eu quando fui fazer a licenciatura foi para enriquecimento pessoal e para que o meu trabalho com as crianças tivesse (Hmm) fosse enriquecido.”

“também foi uma das razões que me levou a fazer a licenciatura.. foi a progressão na carreira. Mas essencialmente foi para enriquecimento pessoal e para melhoria do meu trabalho com as crianças”

“Apesar de nós [educadoras de infância] tentarmos também evoluir”
“Eu procuro muita coisa na internet, no *facebook*, assim nos grupos de educadoras de infância...”

E2 (2):

“pode-se sempre melhorar e procurar atualizar-me, eu tento sempre, e às vezes sou até exigente nesse aspeto e sou um bocado inquieta também mas não me importo de ser assim porque é nesta inquietude que eu consigo encontrar ou otimizar e melhorar as minhas práticas e vejo que enriqueço mais as próprias crianças e o bem estar no ambiente escolar...”

“Eu própria também não posso ficar parada, tenho de me atualizar...”

E3 (1):

“porque p’ra já a nível de trabalho mesmo nós temos ações de formação, mas nós própria vamo-nos mantendo mais ao menos atualizadas, não é?”

E4 (3):

“nós [educadoras de infância] procuramos fazer melhor, procuramos ser mais dinâmicas, mais atualizadas”

“também fiz a licenciatura para me atualizar mais, pra saber mais”

“É assim, nós próprias também temos de nos mexer e procurar atualização”

1.1.2: *Lacunas na formação*
Dificultadores da inicial
AT

E1 (2):

“Talvez devido à formação inicial que, tanto na área da expressão dramática como na área da música, eu acho que foi, (Hmm) foi fraca,

foi fraca... E por esse motivo são as atividades onde eu tenho mais dificuldade.”

“O meu estágio, eramos duas estagiárias com uma turma, sem nenhuma supervisão”

E3 (3):

“Sim sim...pois, olha, eu por exemplo tenho uma grande falha na minha formação... Nunca tive literatura infantil e isto num curso de educação de infância acho que é um erro crasso, não é?”

“Eu os anos que tive de formação no meu curso tive sempre linguística que não tem nada a ver com a nossa prática futura e então (hum) uma das coisas que eu não gosto é de contar histórias, porque acho que não sei...”

“é uma coisa que tem que se ter quase diário no jardim de infância, mas eu nunca aprendi e acho que foi precisamente por causa da falha no curso que não adquiri técnicas.”

E4 (3):

“(hmm) as pessoas sabiam muito pouco de educação pré-escolar, sabia-se muito pouco...”

“Tirando esses dois professores, as técnicas pedagógicas eram uma desgraça perfeita”

“na altura também se tentava, as educadoras tentavam ir a França ver a Escola Aberta, mas enfim havia tanto para aprender.”

Novas tecnologias

E3 (3):

“Há coisas mais difíceis, por exemplo os computadores, não é?”

“Eu não sou do tempo dos computadores e isso para mim continua a ser (hum) um ‘bicho de sete cabeças’ mas pronto. Porque eu não gosto mesmo... Eu tenho que lidar com eles por imposição quase”
“Os computadores ainda me atrapalham muito e o pior é que tenho de lidar com eles.”

E4 (1):

“Ao nível das ferramentas digitais que eu sou da era em que não tinha, não usava, e de repente vi-me confrontada com o usar e desenvolver e ainda hoje tenho alguns constrangimentos mas lá vem uma colega e oriento-me...”

2: Condições de trabalho e exigências da AT 2.1: Alterações a nível burocrático 2.1.1: Aumento das Burocracias Stress devido ao aumento das burocracias

E1 (1):

“Porque agora os jardins são ligados à autarquia, enquanto antes tínhamos autonomia... agora pra pedir uma caixa de lápis temos de fazer uma requisição e esperar 15 dias... são burocracias que atrasam e são stressantes”

E2 (3):

“É assim, o meu problema de saúde, e que agora estou a ver, é uma questão de burocracias que estão a surgir, é uma questão de políticas educacionais e isto é que me está a tornar (e realmente acho que não é só a mim) mais stressada.”

“considero é que as coisas de políticas esta... tudo o que está à volta, estas novas políticas educacionais, estas novas burocracias não estão a favorecer em nada a educação, nem a saúde dos educadores”

“estas burocracias não ajudam, nem a educação nem nos facilitam a vida a nós [educadoras de infância]”

E3 (1):

“atualmente exigem tanto de nós a nível de papelada, de porcarias que também não é bom”

2.2: Constituição das turmas

2.2.1: Tamanho

Ruído e stress
provocado pelas
turmas grandes

E1 (3):

“É assim, neste momento, o barulho de 20 crianças numa sala interfere um bocadinho comigo, já me faz um bocadinho de confusão... Antes nem tanto, mas atualmente sim...”

“Mas na verdade noto que as crianças falam muito alto e como elas são muitas, o barulho incomoda-me um bocadinho, incomoda-me um bocadinho mesmo.”

“eles ainda são pequenos, falam muito alto e sinto que às vezes fico cansada disso mesmo...”

E2 (2):

“o ruído perturba, pode haver algum stress se o grupo for maior (como é o caso deste ano) e às vezes há um bocadinho de stress e também a nível de saúde não é?”

“é incomodo o barulho, mas não é nada fora do comum, ele são pequenos e são muitos falam e andam de um lado para o outro... mas pode ser stressante”

E4 (2):

“Tínhamos as turmas máximas de cada uma 25 alunos, eu na altura tinha os de 5 anos, tinha uma responsabilidade acrescida (25 crianças de 5 anos) era pesado e eu já tinha na altura 48 anos.”

“Não é que o barulho me chateie mas se eles forem muitos e estiverem em atividades livres em que não estão sentados a trabalhar, incomoda um pouco”

2.3: Atividades
psicomotoras

*Dificuldade/constrangi-
mentos em atividades
psicomotoras*

E1 (2):

“[dificuldades em atividades] nomeadamente psicomotoras que aí é que eu noto um bocadinho de constrangimentos.”

“tenho de desenvolver atividades de psicomotricidade e aí às vezes sinto-me condicionada”

E3 (3):

“não deixei de fazer, quer dizer não faço eu fazem eles, não é? Só que não é bem a mesma coisa, porque eu acho que quando a gente quer mostrar como se faz tem que fazer... Nem sempre, nem sempre mas pra eles verem, como são crianças pequeninas convém sempre ver antes mas pronto, também se chega lá de outras maneiras... Mas não é tão eficiente.”

“Eu sempre adorei ginástica, sempre foi a minha vida, foi sempre virada para o desporto deixei de propriamente fazer. Sempre gostei muito de atividade física com os miúdos e isso ficou muito condicionado...”

“atualmente estou limitada em termos físicos para desenvolver atividades físicas com eles [as crianças]”

2.4: Qualidade dos recursos 2.4.1: Materiais

*Tamanho reduzido do
espaço e/ou fraca
qualidade*

E1 (2):

“O que dificulta mais o meu trabalho no jardim de infância onde estou atualmente são as condições físicas. Apesar da sala ter um tamanho adequado... (Hmm) As condições físicas e o equipamento! É assim,

tem um equipamento muito fraco, muito muito muito fraco, os móveis estão estragados e não são móveis apelativos.”

“Não tem um mobiliário apelativo! E mesmo o material também não é muito apelativo.”

E2 (1):

“Fizeram salas pequeníssimas e sendo um centro escolar feito de raiz podiam ter feito salas um bocadito mais... Lá está, os ideais, o querer sempre mais... Podiam ter pensado por criança os tais 2 metros e meio, mas não está enquadrado dentro da lei...”

E3 (2):

“Está a ver o tamanho do jardim de infância, não é? Eu atualmente, nestes últimos dois/três anos, tenho tido grupos pequenos nunca senti tanto espaço aqui dentro (hum) com a mesma sala. Mas eu tive aqui muitos anos vinte e cinco crianças.... neste cubículo!”

“O espaço é muito limitado, o espaço exterior limitado é e sem atrativo nenhum, tem ervas, tem lixo, não tem nada que agrade às crianças, não é?”

2.4.2: *Humanos* *Sensação de falta de recursos humanos para responder às necessidades da criança*

E1 (2):

“era necessário uma equipa mais efetiva... só há uma psicóloga para o mega-agrupamento todo...”

“meia hora de apoio às crianças, como a terapia da fala, e os pais ainda têm de pagar por esse apoio... meia hora por semana não é nada!”

E2 (4):

“As atividades (Hmm) é quando eu estou a tentar transmitir algum conhecimento, que estão implícitas em algumas atividades e não tenho recursos para dar a essas crianças e saber que eles existem e que não tenho possibilidades... Por exemplo, uma criança que eu vejo que ela necessita de terapia da fala e que eu sei que ela tem aquele problema e eu sei que eu não tenho capacidade para trabalhar aquela área... E sei que podia resolver esse problema e não ter em que me apoiar (hmm)...”

“Por exemplo isto, a nível de psicologia e não isso é... Afronta-me! Porque eu sei que uma psicóloga dentro de um jardim de infância fazia-me... sei lá... era uma abertura, fazia-me bem, fazia ali uma parceria, fazia um trabalho excelente porque eu sei que há crianças que trazem problemas de casa implícitos e que não desenvolvem, (hmm) não desenvolvem o seu crescimento porque vêm com problemas de casa e que nós não conseguimos chegar lá.”

“Se houvesse um psicólogo, aliás eu tenho trabalhado a pedido com as psicólogas do SNIPI [Serviço Nacional de Intervenção Precoce na Infância] e vejo como com elas é possível desenvolver um trabalho muito mais rico e sei que com essas psicólogas nós podíamos fazer um trabalho muito melhor.”

“eu por exemplo gostava de ter um gabinete onde me pudesse apoiar, um gabinete multidisciplinar, onde tivesse uma terapeuta da fala, uma psicóloga, onde tivesse... pronto, essas especialidades que realmente fazem falta e que pudesse dar uma achega aqui e além pra resolver certos e determinados assunto... Às vezes nem

era preciso estarem ali ao pé de nós, basta uma dica, uma... pormenores que podiam ser resolvidos com estudo, uma análise, uma reflexão e que podiam ser resolvidos (não digo de uma hora para a outra) mas que podiam ser resolvidos num curto espaço de tempo e às vezes há coisas que se arrastam e que vêm até prejudicar o sucesso escolar da criança”

Falta de formação do pessoal não docente

E1 (1):

“o pessoal que está com as crianças não é pessoal que tenha formação para estar com elas... Portanto isso faz com que o trabalho desenvolvido na sala se perca quando as crianças passam para a parte da componente de apoio à família.”

3: Condições de saúde associadas à AT

3.1: Problema do foro Físico

Problemas/Dificuldades musculoesqueléticas

E1 (6):

“Portanto, quando eu comecei a minha atividade não causavam qualquer tipo de constrangimento, sentava-me nas cadeiras pequenas, sentava-me no chão porque quando as crianças se sentavam no chão eu também me sentava no chão com elas... Neste momento já não me consigo sentar no chão, porque pronto as costas já me doem muito e não consigo!”

“Mesmo nas cadeiras, as cadeiras são muito baixas e isso faz com que seja desconfortável, já não estou à vontade... Não estou à vontade como estava inicialmente.”

“Sinto dores de costas frequentemente!”

“Eu tenho hérnias discais, pronto, e é isso mesmo que me dificulta mais. É como eu disse, há muitas coisas que eu não consigo fazer. Este problema foi agravado, não posso dizer que tenha sido

causado, não é? Mas agravado provavelmente sim, provavelmente foi e isso interfere com a minha atividade de trabalho, como é evidente.”

“por exemplo correr atrás das crianças para mim já é mais difícil, não é?”

“Pegar nelas ao colo? Não é? Já me custa mais, já tenho de fazer mais esforço para pegar nelas ao colo... Algumas já nem consigo mesmo, não é? Pronto, é mais nesse sentido. “

E2 (1):

“Porque, comparado com antigamente, há coisas que já custam um bocadito mais como correr, sentar no chão”

E3 (3):

“A mim? Quer dizer, atualmente não mas já causou, porque eu há oito anos deixei de andar não é? Eu se precisasse... nessa altura, eu se precisasse de uma cadeira de rodas não tinha portão, não tinha acesso pra entrar cá dentro, nem largura de porta para a cadeira de rodas, porque não tem... Nós já medimos. E ainda hoje o facto de estar sentada muito tempo numa cadeira dessas [apontando para as cadeiras de tamanho reduzido das crianças] causa-me problemas físicos, pronto.”

“Olha é assim (hum) não foi causado por, (hum) mas atrapalha, não é? Porque eu não me posso sentar no chão como me sentava, não é? Eu gostava de me sentar a contar uma história, gostava de estar sentada no chão, agora não posso tenho que estar numa cadeira, não é?”

“Eu sempre adorei ginástica, sempre foi a minha vida, foi sempre virada para o desporto deixei de propriamente fazer. Sempre gostei muito de atividade física com os miúdos e isso ficou muito condicionado...”

E4 (2):

“É assim, neste momento... Há uns anos atrás sentava-me na manta com eles e neste momento não me sento, não posso mesmo, na cadeira sim vou estando... Na cadeira deles, que eu não uso a minha cadeira, está no computador mas eu não a uso... Só mesmo quando me sento no computador, aí uso. Mas senti uma diferença...”

“não me posso sentar no chão, não consigo, não que tenha algum constrangimento assim visível mas sei que se me sentar no chão depois para me levantar ou para me mexer tenho ali alguma dificuldade...”

Problemas vocais

E1 (2):

“Além disso tenho problemas vocais, tenho nódulos na garganta, fico frequentemente afónica... Penso que isto é derivado de muitos anos de serviço...”

“durante todo o ano fico frequentemente afónica com maior incidência no início de cada ano letivo ou seja, após períodos de repouso, também fico pior depois dos fins-de-semana.”

Tensão arterial alta

E4 (4):

“Quando me surgiram alguns problemas de saúde, nomeadamente, tensão alta foi precisamente quando esse jardim abriu e eu fui para lá.”

“No final do ano, foi quando então desencadeei um pico de tensão alta e aí a coisa complicou e veio-se arrastando até agora, tenho vindo a controlar... Foi despistado que podia ser da parte de endocrinologia... Neste momento está controlado, portanto penso que sim, teve alguma influência também o facto de eu na altura estar á beira de me reformar”

“houve aí uma altura em que tinha algum receio porque me assustava com os picos de tensão”

“Agora está controlado, mas ficava muito preocupada e na altura não andava nada bem...”

	3.2: Problemas do foro emocional		Depressão	<p>E2 (1):</p> <p>“Já estou a tomar medicamentos para a... Tipo Topiramato e Sedoxil, o que quer dizer que (Hmm) estou a tentar controlar uma depressão. Não foi causada, mas ajuda”</p>
<u>4. Aposentação</u>	4.1. Extensão da idade de aposentação	4.1.1. Impacto/opinião relativamente à extensão	Muito tardia	<p>E1 (3):</p> <p>“eu também considero que os 55 anos era cedo demais, agora 66 anos é um exagero”</p> <p>“considero realmente que 55 é cedo demais para nos reformarmos, mas para estarmos com as crianças os 66 já é um bocadinho demais”</p> <p>“Acho mesmo que 66 é demais, pra nós que lidamos diariamente com crianças muito pequenas”</p>
				<p>E2 (4):</p> <p>“Eu acho que 66 anos é muito para uma educadora”</p>

“o ideal seria os 57 anos ou os 36 anos de serviço para nos reformarmos, 66 é muito”

“Portanto, eu acho que é uma autêntica parvoíce...”

“Com isso eu não posso concordar de forma alguma, embora eu desde sempre gostasse e sempre gostei e quis e sempre hei de querer ser educadora mas não posso concordar de forma alguma que a idade da reforma para os educadores seja os 66 anos... Não posso concordar!”

E4 (3):

“Se me mandassem embora amanhã ou se me dissessem que pode meter os papéis, eu ia meter os papéis...”

“segundo consta é aos 66 e tenho sempre a esperança de que venha aí qualquer coisa que nos mande embora, porque eu sou uma pessoa de fé e de esperança...”

“aos 55 era cedo demais, mas aos 66 é uma afronta.”

*Sentimento de
injustiça*

E1 (2):

“E para nós não é justo!”

“é chato para quem já começou a trabalhar há muito tempo e vê pessoas que se reformaram com menos anos de serviço”

E4 (4):

“espero que eles resolvam esta questão porque é uma injustiça, quem saiu aos 55 pra quem já vai nos 60, não é?”

“É uma injustiça tremenda!”

“Espero que alguém tenha o bom senso de ver que somos todos Portugueses, somos todos iguais e ver estas discrepâncias...”

“fiquei ali pendurada, vi 4/5 colegas a conseguir sair e eu fiquei retida, fui uma das poucas ‘velhas’ a ficar”

Frustração/Angústia

E4 (2):

“não me revia na escola, passei um momento de alguma dor posso dizer mas tenho alguma capacidade de sublimação, mas foi um tempo um bocadinho difícil de ter ficado ali retida.”

“O trabalho, o ter que ficar, as perspetivas foram de facto “curadas” e fiquei um bocadinho no limbo, a “morrer na praia” e custou... Custou um bocadinho.”

*Necessidade de Ei
mais jovens*

E1 (4):

“Porque é como eu digo, as crianças precisam de alguém jovem, dinâmica, que as acompanhem.”

“a verdade é que acho que as crianças precisam de alguém com mais... Não precisam de uma avó e eu neste momento já tenho idade quase... Já tenho mesmo idade para ser avó delas...”

“Elas precisam neste momento de uma educadora mais jovem que as acompanhasse em algumas das atividades que fazem”

“porque as crianças precisam de alguém mais jovem.”

*Sentimento de já ter
dado o seu contributo*

E4 (1):

“la [aposentar-se já], e ia não como algumas foram a dizer “ai não devia ter ido”, não porque já dei o meu contributo”

*Atribuição de outras
funções*

E1 (2):

“O que eu acho mesmo, é que eles poderiam dar-nos outras funções. Funções, por exemplo, de apoios.”

“podiam dar-nos umas funções de apoio, ter alguém titular da turma e nós fazíamos um trabalho mais de apoio às crianças, de apoio ao jardim, de apoio às próprias bibliotecas... Outro tipo de trabalho!”

E2 (2):

“É muita responsabilidade ter uma turma... deviam dar-nos outras funções a partir de uma certa idade”

“Chega a uma idade em que seria melhor fazermos outras coisas... Porque acompanhar uma turma com 65 anos parece-me muito complicado”

E3 (2):

“o melhor seria nós podermos começar como nos medicamentos, a desmamar não é? A progressivamente dedicarmo-nos a outras coisas”

“Poder começar a trabalhar a meios tempos para haver uma, pronto um desmame mesmo, uma libertação progressiva das responsabilidade”

E4 (1):

“deviam reduzirmos a componente letiva a partir de uma certa idade.”

*Ambivalência face à
extensão*

E3 (3):

“toda a gente gosta também de gozar um bocadinho a vida e se eu pudesse reformar-me este ano e agora aproveitar para fazer umas viagens e tal, se calhar gostaria mais, mas pronto”

“[aposentar-se já] o que seria ótimo por um lado, porque via-me livre de obrigações que continuo a ter. Pensando, por outro lado em

termos de saúde, em termos de, como é que hei de explicar... De manter a minha mente ativa e pronto, e em condições digamos,” (+/-)

“Mais sete anos menos sete anos olhe, pelo menos vou encontrando as colegas, vamos conversando não é uma separação assim... Eu vejo colegas minhas que se reformaram com cinquenta, cinquenta e tal que andam nos psiquiatras, não é? Porque cortaram repentinamente com aquilo que gostavam de fazer, com as crianças, com as colegas, com tudo e isso parece que não mas deve-se refletir a muitos níveis.”

4.1.2. *Receio de não ser capaz de continuar ao serviço ou continuar em trabalho em debilitada idade avançada*

E1 (3):

“Pois, não me imagino! Não imagino! Não sei se vou ter capacidade para estar com as crianças...”

“mas quando eu tiver 66 anos... Não me imagino sequer!”

“[aguentar a trabalhar até aos 66 anos] Acho que é um bocadinho complicado...”

E2 (3):

“[no desempenho da sua função] Acho que não chego lá assim... Com toda a dinâmica e com todo este processo que tenho vindo a assistir e todo o empenho que tenho colocado na minha profissão...”

“Não me imagino a chegar lá capaz”

“Acho que não tenho estaleca para lá chegar. Não tenho porque já (Hmm), já se começa a refletir...”

E3 (1):

“[no desempenho da sua função] eu já pensei nisso, não é? Não posso dizer que não, mas eu também penso assim, eu só faço aquilo que a minha saúde, vontade na altura puder fazer, não é? Se tiver que estar todo o dia sentada numa cadeira ou a ler uma história ou a conversar com eles, sou obrigada tenho que fazer, não é? É claro que isso já não será por muito prazer, será mesmo por obrigação.”

E4 (2):

“Pois, não me imagino a chegar a essa idade [no desempenho da sua função]”

“Não sei como vou aguentar”

*Perda de capacidades
(físicas e/ou
cognitivas)*

E1 (2):

“Quer física, quer psicológica... Não sei se vou ter capacidade para estar a acompanhar um grupo de crianças...”

“Imagino-me incapacitada fisicamente para passar o dia de pé de um lado para o outro... não é?”

E2 (2):

“Eu gostava de me imaginar lúcida e com toda a genica que tenho, mas... Acho que não chego lá assim...”

“Quer dizer, nós sabemos como seres humanos que chegamos a uma certa altura e vamos perdendo certas e determinadas capacidades não é? E temos que nos resguardar um bocadinho.”

E3 (2):

“se eu começar a cair a todos os níveis e tenho que vir pra qui de canadianas, é claro que não vai dar prazer nenhum isso e isso vai-se refletir”

“uma dor afeta sempre, não é? Portanto se nós não nos sentirmos em condições, nem com capacidade isto vai ser tipo uma imposição, não pode ser nada de bom”

E4 (1):

“não sei se aguentaria até aos 66 fisicamente a nível de capacidades porque é uma responsabilidade, fisicamente acho que até poderia se não houvesse, sei lá, uma ciática ou não sei quê... Agora ao nível de capacidades, não é? Cognitivas...”

Anexo 9 - Quadro de análise de frequências por categoria e subcategoria

Categorias de 1ª ordem	Categorias de 2ª ordem	Categorias de 3ª ordem	E1	E2	E3	E4	TOTAL	
1) Avançar da idade e AT	1.2) Fatores relacionados com o avançar da idade que afetam a AT	1.1.3) Facilitadores da AT	12	8	7	9	36	
		1.1.4) Dificultadores da AT	2	0	6	4	12	
			14	8	13	13	48	
2) Condições e exigências da AT	2.1) Alterações a nível burocrático	2.1.1) Aumento das burocracias	1	3	1	0	5	
	2.2) Tipo de turmas	2.2.1) Tamanho	3	2	0	2	7	
	2.3) Atividades psicomotoras		2	0	3	0	5	
	2.4) Qualidade dos recursos	2.4.1) Materiais		2	1	2	0	5
		2.4.2) Humanos		3	4	0	0	7
			11	10	6	2	29	
3) Condições de saúde associadas à AT	3.1) Problemas do foro físico		8	1	3	6	18	
	3.2) Problemas do foro emocional		0	1	0	0	1	
			8	2	3	6	19	
4) Aposentação	4.1) Extensão da idade de aposentação	4.1.1) Impacto/Opinião face à extensão	11	6	5	11	33	
		4.1.2) Perspetivas da capacidade de trabalho em idade avançada	5	5	3	3	16	
			16	11	8	14	49	
TOTAL POR EDUCADORA			49	31	30	35		
							TOTAL FINAL: 145	

